



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCSO/CECH

Rod. Washington Luís km 235 - SP-310, s/n - Bairro Monjolinho, São Carlos/SP, CEP 13565-905

Telefone: (16) 33518369 - <http://www.ufscar.br>

Ofício nº 48/2025/DCSo/CECH

São Carlos, 23 de abril de 2025.

Para:

Departamento de Ciências Sociais

**Assunto: Requerimento de Solicitação de concessão de título Honoris Causa à Leci Brandão**

Prezados Senhores e Senhoras,

Por meio deste ofício, venho respeitosamente solicitar ao Conselho Deliberativo do DCSO/UFSCar a apreciação e eventual aprovação, por meio de decisão colegiada, da indicação da renomada e respeitável intelectual ativista, cantora, compositora e Deputada Estadual por São Paulo, Leci Brandão, ao título de Doutora Honoris Causa. Anexo a este ofício, encontra-se o documento elaborado pela comissão formada pelos Professores Dr. Róbson Pereira da Silva (DCSo/PPGAS/UFSCar), Profa. Dra. Gleidylucy Oliveira da Silva (DCSo/PPGPol/UFSCar), Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro (DCSo/UFSCar), Profa. Ana Flávia Magalhães Pinto (PPGHIS/PPGDH/UnB), Profa. Dra. Thaís Leão Vieira (PPGHIS/UFMT) e Prof. Dr. Adelcio Camil Machado (DAC/UFSCar). Ademais, solicito que, após a apreciação do Colegiado Departamental, essa demanda seja encaminhada ao Conselho do CECH/UFSCar, para a continuidade dos procedimentos previstos e descritos no Regimento Geral da UFSCar, especificamente no “TÍTULO IV - DOS TÍTULOS HONORÍFICOS”, em especial no Art. 77, que estabelece o processo a ser seguido na solicitação do título honorífico, o qual deve ser “[...] aprovado pela maioria absoluta do Conselho Superior”.

Na expectativa de que minha solicitação seja atendida,

Atenciosamente,

Róbson Pereira da Silva

Professor Adjunto do DCSO/UFSCar



Documento assinado eletronicamente por **Robson Pereira da Silva, Professor(a)**, em 23/04/2025, às 01:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renilson Rosa Ribeiro, Professor(a)**, em 23/04/2025, às 14:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adelcio Camilo Machado, Docente**, em 23/04/2025, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gleidylucy Oliveira da Silva, Professor(a)**, em 24/04/2025, às 08:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wilson Alves Bezerra, Professor(a) Associado(a)**, em 30/04/2025, às 12:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1826250** e o código CRC **010FAED6**.

**Referência:** Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.012617/2025-72

SEI nº 1826250

Modelo de Documento: Ofício, versão de 02/Agosto/2019



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**DEPARTAMENTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO - DAC/CECH**

Rod. Washington Luís km 235 - SP-310, s/n - Bairro Monjolinho, São Carlos/SP, CEP 13565-905

Telefone: (16) 33518141 - <http://www.ufscar.br>

**PARECER Nº** 5/2025/DAC/CECH  
**PROCESSO Nº** 23112.012617/2025-72  
**INTERESSADO:** DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA  
**ASSUNTO:** Parecer sobre o Requerimento (1833641) - INDICAÇÃO AO TÍTULO DE DOUTORA HONORIS CAUSA PARA LECI BRANDÃO.

**Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz**

**I. Parecer**

O requerimento foco de análise deste parecer é iniciado com a Fundamentação Regimental da UFSCar para a outorga de títulos de Dr. Honoris Causa, desse modo, destaca-se que a concessão desta classe de título, se destina “a personalidades eminentes que tenham contribuído para o progresso da Universidade, da região ou do País, ou que tenham se destacado pela sua atuação em prol das Ciências, das Letras, das Artes ou da Cultura”. (Requerimento 1833641, p. 7). Desse modo, justifica-se que esta:

“é uma distinção a ser concedida a uma mulher negra, octogenária, que, ao longo de mais de quatro décadas de sua trajetória, protagonizou o estabelecimento de potentes demonstrações das conexões entre cultura e política, vocalizando em forma de arte esforços históricos de afirmação da cidadania da população afro-brasileira, sendo esse segmento central para a viabilidade da realização da democracia no país” (Requerimento - 1833641, p. 7)

Buscando demonstrar o mérito de tal distinção, o requerimento, em suas 49 páginas, se divide em duas grandes partes: a primeira foca na obra musical e poética da artista; e a segunda se concentra na apresentação e análise dos dados sobre sua atuação política na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, iniciada a partir de 2010.

Na primeira parte, o requerimento se apoia nos dados acerca da extensa obra fonográfica da sambista, compositora e intérprete, relacionando esta vasta produção com o contexto histórico, social e político do país. Para cada momento de sua obra, são apresentados fatos relevantes que marcaram sua trajetória de vida, atuação social e cultural, dimensões estas, intrínsecas à obra de Leci Brandão como

mulher, negra, homossexual e comunicadora. Ao longo do texto, subdividido por seções temáticas, fica demonstrado o impacto dessa atuação na construção de um diálogo propositivo com a sociedade mais ampla, incluindo sua interlocução com o pensamento científico e social ligado: à africanidade e negritude brasileira; ao debate histórico acerca da raça, do racismo, do machismo, do feminismo negro e da homo/lesbofobia. Em determinado momento o requerimento aponta que Leci Brandão, por meio de sua poesia, antecipa em músicas compostas e gravadas ainda nos anos da década de 1970, questões que intelectuais proeminentes como Lélia Gonzalez, irão se deter posteriormente<sup>(1)</sup>.

(1) Nesse sentido é citada a obra de 1984 - “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” de Lélia Gonzalez, intelectual com quem Leci Brandão atuou no seminário nacional de Mulheres Negras em 1979 e posteriormente escreveu um dos textos que integram a edição de 2024 do livro “Festas Populares no Brasil” também de Lélia Gonzales, com primeira edição de 1987.

Ao observar sua obra, fica claro que essa relação dialógica com a sociedade mais ampla se dá prioritariamente a partir do samba, mas também abarca outras manifestações da cultura afro diaspórica, urbana e periférica. A partir dessa estética musical negra e popular, a artista desenvolve uma poética que abarca temas afeitos às necessidades das populações periféricas ligadas a sua própria origem, trajetória de vida e ativismo social e cultural. Destaco ainda que os dados apontam fundamentalmente para o fato de que suas experiências como mulher negra, imersa em uma sociedade marcada por intensas desigualdades de gênero, classe e raça, foram centrais para o desenvolvimento de seu ímpeto comunicador, educador e de denúncia, caráter este, mobilizador de toda uma obra que se torna indissociável de suas posturas e posicionamentos políticos, com impactos em favor do bem comum.

Na segunda parte do requerimento, intitulada de “Ação Política”, os dados apresentados são vastos e abarcam uma longa trajetória de atuação legislativa dentro dos mandatos sucessivos que vão de 2010 até a atual legislatura. A análise de sua atuação foca sobre o teor de seus projetos legislativos, temas predominantes e suas relações com o atendimento das necessidades básicas da população. Fica claro ao longo da apresentação e análise dos dados que o foco de sua atuação prioriza os âmbitos da Cultura, Educação e Saúde numa relação estreita com as questões raciais e de gênero. Os dados estabelecem que entre os anos de 2010 a 2025, de 189 projetos, 77 foram propostos com destinação prioritária de recursos para: Cultura (32 projetos); Saúde (26); Educação (19); seguidos de questões ligados ao tema das Mulheres (16); Igualdade Racial/Matriz Africana (15); Utilidade Pública (15); Sindical (12); Cidadania (11), dentre outras. (Requerimento, p. 28).

A partir dessas três agendas apresentadas como prioritárias, o requerimento, ao analisar o teor dos projetos, utiliza o recurso de agrupar de modo gráfico e visual as palavras mais usadas (nuvens de palavras) para trazer os temas conexos e também relevantes para a sua atuação. Isto deixa claro o viés social e de combate às desigualdades de acesso aos serviços e bens fundamentais para a população.

O requerimento segue apresentando gráficos elaborados pelo grupo de pesquisa

DECOS/DCSo/UFSCar, formulados a partir dos documentos legislativos disponibilizados pelo gabinete da deputada. A partir disso, observa-se que os montantes de recursos de emendas destinadas às agendas preferenciais são significativos e chegam a aproximadamente R\$ 29,5 milhões para todo o estado, incluindo o total de recursos na ordem de R\$ 1.5 milhão direcionado especificamente aos municípios de São Carlos, Araraquara e Porto Ferreira entre 2010 e 2025.

## II. CONCLUSÃO

Observando o conjunto do requerimento, seu volume de dados e detalhamento das análises, como já foi destacado, fica nítido que há uma atuação de grande relevância e que produz uma amálgama entre a atuação artística de Leci Brandão, suas vivências e o processo de formação e atuação política que perpassa toda a sua trajetória e vai se formalizar com a primeira eleição como Deputada Estadual por São Paulo em 2010. Com isso, há dados suficientes que corroboram a contribuição de Leci Brandão para o progresso da educação, da cultura, das artes e das ciências sociais em âmbitos regionais e nacional.

Portanto, este parecer apresenta concordância com a PROPOSIÇÃO DE OUTORGA DO TÍTULO DE DOUTORA HONORIS CAUSA À LECI BRANDÃO, considerando que o conteúdo do requerimento apresenta as justificativas necessárias para a concessão do título honorífico à Leci Brandão, estando este em conformidade com o Regimento Geral da UFSCar no “TÍTULO IV - DOS TÍTULOS HONORÍFICOS”.

Por fim, conforme salientado no requerimento, “Leci Brandão estabelece em sua trajetória um testemunho de resistência e de celebração da presença da população negra na cultura brasileira” (Requerimento, 1833641,p. 34). A concessão da honraria a uma mulher negra com tal profundidade em seu protagonismo para a superação de desigualdades historicamente construídas, traz à tona a importância da consideração das mulheres negras, como sujeito contribuinte da sociedade brasileira. Muitas vezes, mulher negras são o próprio sustentáculo de suas estruturas comunitárias e sociais, sendo suas contribuições raramente reconhecidas. Isto posto, podemos compreender que a concessão de tal honraria, se apresenta como uma forma da Universidade Federal de São Carlos se alinhar a um processo de reparação histórica e afirmação tal valor, reconhecendo as contribuições de Leci Brandão para o progresso da Universidade, da região e do País, com destaque para a sua atuação em prol das Artes, da Cultura com impactos para os campos da ciência e da política nacional.

Considerando o que foi apresentado, indico à aprovação a proposição de outorga do título de doutora *honoris causa* à Leci Brandão.



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Conegundes de Souza, Docente**, em 12/05/2025, às 09:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1844046** e o código CRC **3508C7F6**.

---

**Referência:** Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.012617/2025-72

SEI nº 1844046

*Modelo de Documento: Parecer, versão de 02/Agosto/2019*



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**CONSELHO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH/CoC/CECH**

Rod. Washington Luís km 235 - SP-310, s/n - Bairro Monjolinho, São Carlos/SP, CEP 13565-905

Telefone: (16) 3351-8351 - <http://www.ufscar.br>

Ofício nº 26/2025/CECH/CoC/CECH

São Carlos, 16 de maio de 2025.

Para:

Gabinete da Reitoria

**Assunto: Concessão de título Honoris Causa à Leci Brandão**

Prezada Profa. Dra. Ana Beatriz de Oliveira, Magnífica Reitora da UFSCar,

Com grande entusiasmo, informamos que o Conselho do Centro de Educação e Ciências Humanas (CoC/CECH), reunido em sua 583ª Reunião Ordinária realizada em 14/05/2025, aprovou por aclamação a indicação de concessão do título de Doutora Honoris Causa para a intelectual ativista, cantora, compositora e Deputada Estadual por São Paulo, Leci Brandão.

A proposta teve início com um requerimento (1833641) foi elaborado por uma comissão (1846804) composta por docentes do Departamento de Ciências Sociais, Departamento de Artes e Comunicação e Departamento de Letras, além de uma docente da Universidade de Brasília e outra da Universidade Federal de Mato Grosso. A solicitação foi aprovada inicialmente pelo Conselho do Departamento de Ciências Sociais, conforme informação constante no próprio Requerimento, e, na sequência, foi aprovada também pelos Conselhos do Departamento de Educação (1837593) e do Departamento de Letras (1841715), e pelas CPGs do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (1845660) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (1846761). No âmbito do CoC/CECH, a proposta ainda recebeu um parecer favorável (1844046) emitido pelo Prof. Dr. Eduardo Conegundes de Souza, que é pesquisador nas áreas do samba, da cultura popular e da cultura afro-brasileira.

Solicitamos que a proposta seja encaminhada para deliberação nas instâncias que forem necessárias e nos colocamos à disposição para apresentar maiores esclarecimentos sobre essa proposição se houver necessidade. Reiteramos ainda a importância de que, sem prejuízo do adequado processo institucional, seja dada a maior celeridade possível a essa tramitação, para que, havendo aprovação das instâncias, nossa homenageada esteja em condições de participar presencialmente da cerimônia de outorga.

Com os melhores cumprimentos,

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz  
Presidente do CoC/CECH



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Juvenal da Cruz, Presidente de Conselho**, em 20/05/2025, às 09:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Adalcio Camilo Machado, Vice-Presidente de Conselho**, em 20/05/2025, às 09:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1850940** e o código CRC **8B9CB159**.

---

**Referência:** Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.012617/2025-72

SEI nº 1850940

*Modelo de Documento: Ofício, versão de 02/Agosto/2019*



# **INDICAÇÃO AO TÍTULO DE DOUTORA HONORIS CAUSA PARA LECI BRANDÃO**

**São Carlos,  
Abril de 2025**



Of. DCSO XX/2025

São Carlos, SP, 23 de abril de 2025.

À Ilma. Sra.

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz

Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar

Prezada Diretora do CECH/UFSCar,

Encaminho, para as providências necessárias, o documento redigido pela comissão composta pelo Prof. Dr. Róbson Pereira da Silva (DCSo/UFSCar), Profa. Dra. Gleidy Lucy Oliveira da Silva (DCSo/UFSCar), Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro (DCSo/UFSCar), Profa. Ana Flávia Magalhães Pinto (UnB), Profa. Dra. Thaís Leão Vieira (UFMT), Prof. Dr. Adelcio Camilo Machado (DAC/UFSCar), Profa. Dra. Maria Cristina dos Santos Bezerra (DEd/UFSCar) e Wilson Alves Bezerra (DL/UFSCar), no qual se propõe a concessão, pelo Conselho Universitário, do título "Doutor Honoris Causa" pela UFSCar à artista, ativista política e intelectual brasileira Leci Brandão.

O documento foi apreciado e a proposta foi aprovada por decisão colegiada na XXXX reunião do Conselho do Departamento de Ciências Sociais realizada em 23 de abril de 2025.

Sem mais para o momento, colocamo-nos à disposição para as informações complementares que, eventualmente, se façam necessárias.

**Prof. Dr. Marcelo Coutinho Vargas**  
**Chefe do Departamento de Ciências Sociais**

## SUMÁRIO

<b>FUNDAMENTAÇÃO REGIMENTAL À PROPOSIÇÃO AO CONSUNI-UFSCAR DE OUTORGA DO TÍTULO DE DOUTOR HONORIS À LECI BRANDÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>5</b>
<b>“O samba é a carteira de identidade do Brasil” .....</b>	<b>11</b>
<b>As batucadas de nossos tantãs contra o sexismo e o racismo.....</b>	<b>15</b>
<b>Prestação de tributo aos Orixás e as expressões afrobrasileiras.....</b>	<b>16</b>
<b>Outro diálogo com a música urbana negra: o rap e a cultura hip hop.....</b>	<b>21</b>
<b>“Tudo é educação / é matéria de todo o tempo” .....</b>	<b>25</b>
<b>Atuação política.....</b>	<b>27</b>
<b>PROPOSIÇÃO DE OUTORGA DO TÍTULO DE DOUTORA HONORIS CAUSA À LECI BRANDÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS:.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>40</b>
<b>LISTA DE COMPOSIÇÕES DE LECI BRANDÃO POR DATA DE LANÇAMENTO.....</b>	<b>42</b>
<b>DISCOGRAFIA LECI BRANDÃO.....</b>	<b>46</b>
<b>PRÊMIOS.....</b>	<b>47</b>
<b>BIBLIOGRAFIA E FORTUNA CRÍTICA.....</b>	<b>48</b>



**Indicação ao título de Doutor Honoris Causa para:  
LECI BRANDÃO: CIDADÃ BRASILEIRA COMPROMETIDA COM A HISTÓRIA E  
CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

*Ela é delegada  
Ela é deputada  
Prefeita e juíza  
Uma grande mulher  
Com um grande ideal  
É o que a gente precisa*

*Sempre foi retaguarda  
Mas vai pra vanguarda  
De modo viril  
E é a esperança  
No futuro do Brasil [...]  
Pra você vai um samba  
Cidadã brasileira -*

Martinho da Vila, na voz de Leci Brandão

**FUNDAMENTAÇÃO REGIMENTAL À PROPOSIÇÃO AO CONSUNI-UFSCAR  
DE OUTORGA DO TÍTULO DE DOUTOR HONORIS À LECI BRANDÃO**

*O esforço de quem se aventura em trazer à superfície nomes, vozes e experiências do mundo negro é redobrado: sistematizar experiências, pôr em destaque estilos de vida, exige um duplo movimento que compreende, antes de tudo, entrar na disputa discursiva para mostrar que esses nomes merecem lugar especial no panteão das personalidades históricas - Muniz Sodré.*

Em conformidade com as prerrogativas e normativas estabelecidas no Regimento Geral da Universidade Federal de São Carlos, especificamente no TÍTULO IV (“DOS TÍTULOS HONORÍFICOS”), Art. 77, nas páginas 23-24, que versa sobre “Do título de Doutor Honoris Causa”, apresentamos por meio desta documentação a proposta de concessão do título de Doutora Honoris Causa à destacada e renomada intelectual ativista, cantora, compositora e Deputada Estadual (PCdoB/SP), Leci Brandão. É uma distinção a ser concedida a uma mulher negra, octogenária, que, ao longo de mais de quatro décadas de sua trajetória, protagonizou o estabelecimento de potentes demonstrações das conexões entre cultura e política, vocalizando em forma de arte esforços históricos de afirmação da cidadania da população afro-brasileira, sendo esse segmento central para a viabilidade da realização da democracia no país. O

referido Art. 77 prevê a distinção acadêmica por meio da outorga do título de Doutora Honoris Causa “a personalidades eminentes que tenham contribuído para o progresso da Universidade, da região ou do País, ou que tenham se destacado pela sua atuação em prol das Ciências, das Letras, das Artes ou da Cultura em geral, mediante indicação justificada do Reitor ou proposta fundamentada, aprovada pela maioria absoluta de um Conselho de Centro ou Conselho Superior”. Esta distinção e honraria são plenamente aplicáveis ao perfil artístico e ao compromisso político da intelectual ativista e artista Leci Brandão com a História e Cultura Afro-brasileira, em virtude do valor histórico, político e simbólico de sua atuação no espaço público desde a década de 1970, conforme dados que serão apresentados a seguir, fundamentados na documentação anexa que integra esta manifestação de indicação. Ademais, no que se refere ao critério de contribuição para o progresso da Universidade e da região, a homenageada possui consideráveis atuações que caminham nessa direção, sobretudo pelo impacto gerado a partir das agendas às quais se dedicou no curso de seus quatro mandatos como deputada estadual na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, iniciados em 2010.

## JUSTIFICATIVA

*Eu sempre digo que eu fiz da arte um instrumento de luta. Eu fiz da arte uma forma de luta. Eu fiz da arte uma forma de defender os meus - Leci Brandão, 2024 - Podcast “Escute as Mais Velhas”.*

Leci Brandão da Silva, filha de Lecy de Assumpção Brandão e Antonio Francisco da Silva, um casal negro, nasceu em 12 de setembro de 1944, numa das artérias do samba do Rio de Janeiro: Madureira. Cresceu nos subúrbios cariocas, em bairros como Senador Camará, Pilares, Realengo e Vila Isabel. Nos aprendizados adquiridos nas redes de sociabilidade desses locais, teve oportunidade de acumular conteúdo importante para contar as histórias profundamente referenciadas e cartografadas em suas canções.

Desde cedo, sua vida foi marcada pela luta e pela arte, influenciada por sua mãe que trabalhava como zeladora de escolas, a quem muitas vezes auxiliou no trabalho, como na Escola Nicarágua. Leci estudou nesta escola e, posteriormente, no destacado Colégio Dom Pedro II. Na juventude, trabalhou em diversos empregos, incluindo o de auxiliar de processamento de dados e telefonista da CTBC, em Botafogo, na década de 1970, além de auxiliar de pensão e operária da Fábrica de Cartuchos de Realengo.

Mas foi no samba e na Estação Primeira de Mangueira que a filha de Madureira encontrou sua forma pioneira de expressão pública como mulher negra

e lésbica. Ainda que, para compor sambas de terreiro para a escola, tenha sido necessário enviar uma carta a cerca de 40 homens responsáveis pela ala dos compositores da escola. No documento, reconhecia a Mangueira como a “Universidade do Samba”, reforçando a importância da vivência cotidiana e das comunidades como espaço de formação do conhecimento e da expressão cultural e popular da gente negra brasileira. A conexão dela com a Estação Primeira de Mangueira é, conforme ela mesma afirma, de natureza umbilical, uma vez que sua avó, Dona Bina, exerceu a função de Pastora da Escola, e sua Madrinha, Lourdes Bolão, era uma integrante frequente.

A altivez de Leci Brandão, que lhe é herança e traço de sua própria personalidade, de fato, rendeu a ela visibilidade e a conquistas de espaços pioneiros. Por outro lado, isso também a colocou constantemente nas trincheiras da luta e da resistência contra muitos estigmas e injustiças. Ao trazer nas letras de suas músicas, por exemplo, as batalhas diárias travadas por homens e mulheres negras num país que tentava negar uma experiência de racismo, seu comportamento, não raras vezes, foi visto como excessivamente “crítico” e lhe custou a perda de contratos com gravadoras e shows. Entretanto, como aponta a epígrafe selecionada para a abertura desta justificativa, Leci tinha a lucidez de compreender sua arte como um instrumento de resistência política coletiva, estratégico para enfrentar projetos de apagamento da herança afro-brasileira e interdição dos saberes negros na contemporaneidade.

Ciente do desafio, Leci não hesitou em sustentar, mesmo depois de perdas, a africanidade e a negritude brasileira em toda a sua obra como cantora, compositora, sambista, atriz, ativista e política, abrangendo desde suas composições até suas interpretações, representando um apelo histórico para o debate público acerca da raça, do racismo, da homo/lesbofobia e do machismo no Brasil. Ao se fazer nesses termos, Leci assumiu características que colocam entre aquelas que dão materialidade ao conceito de “ialodê” desenvolvido por Jurema Werneck (2020) para identificar e analisar as trajetórias de mulheres negras que protagonizaram experiências de confronto aos estereótipos e à subvalorização na historiografia do samba.

Não é demais destacar que esse compromisso de uma vida inteira enfrentou capítulos políticos da história brasileira como a ditadura militar. Em 1974, quando lançou seu primeiro compacto, intitulado “Leci Brandão” (gravadora Discos Marcus Pereira), além de faixas falando sobre sabores e dissabores amorosos, ela optou pela gravação do samba “Preferência”. Nele, a compositora e cantora aborda o tema das diferenças de raça e classe em momentos de sociabilidade e, na contramão de um elogio fácil ao alinhamento com costumes europeus nos trópicos, toma partido de tradições populares:

Fui convidada a visitar um palacete no Catete  
O ambiente era de fato, diferente

Fidalguia, burguesia demais  
Os empregados, todos engomados, traziam bandejas  
Contendo melões e contendo cerejas  
E os melhores vinhos internacionais  
[...]  
No outro dia recebi convite pra ir a Mangueira  
Um barraco todo verde, e uma roseira  
Na frente da porta para ornamentar  
Boa comida era feijão  
E a batida de limão  
[...]  
E perguntaram qual dos dois convites tive preferência  
E respondi com a máxima veemência  
Francamente preferi o barracão!  
(De Mangueira...)

Ora com mais ou menos sutileza, as atitudes, trajetória e consciência de Leci Brandão expressas em sua obra e posições políticas ressoam com o que Angela Davis delinea em “A Liberdade é uma Constante” ao afirmar que “quando mulheres negras se erguem, toda a sociedade e suas estruturas se agitam e provocam mudanças” (2018, p. 84-85). E essas mudanças ocorrem, como aponta Hill Collins (2023, p. IVIII), num processo coletivo de influência mútua entre mulheres negras e entre elas e o restante de pares e opositores. Nas palavras da autora: “Quando e onde as meninas negras acessarem a liberdade, lá outros também encontrarão esperança no futuro”.

Foi nessa ação conjunta e compartilhada que Leci gravou a canção “Morenando”, composta por Sandra Sá, no disco “Metades”, de 1978:

Enxugue esses olhos menina  
Acenda esse seu olhar  
Até que as coisas da vida têm jeito  
Sei que não depende da gente  
Ficar feliz ou contente  
O segredo é não se acomodar.

O encontro entre Leci e Sandra ocorreu durante seu trabalho como auxiliar do departamento pessoal da Universidade Gama Filho, onde também atuou com outra mulher negra fundamental: a historiadora e filósofa Lélia Gonzalez<sup>1</sup>. Ali também Leci se destacou por meio da música, saindo vencedora do I Festival de Música daquela instituição, em 1970. Ao longo de sua carreira, Leci acumulou outras premiações importantes sobre a música brasileira, como descrito brevemente na lista abaixo:

## I Festival da Gama Filho

---

<sup>1</sup> Em 2023, Leci Brandão foi quem escreveu o texto da apresentação do livro *Festas Populares no Brasil*, publicado por Lélia González, em 1987, e reeditado pela Editora Boitempo em 2024.

1970 - 2º lugar com a música “Cadê Marisa”.

### **Encontro Nacional de Compositores de Samba”**

1973 - Com a canção “Quero sim”, em parceria com Darcy da Mangueira.

### **Prêmio Sharp /PMB - Prêmio da Música Brasileira**

1991 – PMB4. Categoria Samba – Melhor Canção por “Maravilha” (intérprete)

1996 – PMB9. Categoria Samba – Melhor cantora.

2009 – PMB20. Categoria Samba – Melhor cantora.

2018 – PMB29. Categoria Samba – Melhor cantora.

Em 1971, foi a vez de se juntar ao elenco do programa "Noitada de Samba", criado por Jorge Coutinho e Leonides Bayer, no Teatro Opinião. Como aludido anteriormente, em 1972, Leci ingressou na Ala de Compositores da Mangueira, sua escola de samba, após o estágio de um ano entre compositores, numa maioria de homens negros, compondo sambas de terreiro e solidificando sua presença no cenário musical do samba carioca.

Nas canções “Ritual” e “Mãos Libertas”, do disco “Questão de Gosto” (Polydor, 1976), Leci problematiza tensionamentos testemunhados e até mesmo vivenciados em sua circulação por espaços culturais da classe média e da população negra periférica. As distinções e hierarquizações impostas a determinados sujeitos em razão de suas origens e ou posição social são objeto tanto de crítica rígida quanto de galhofa em faixas diferentes do mesmo disco. Em “Ritual”, segunda música do disco que abre com a ambígua “Ser Mulher”, ela é assertiva ao questionar as razões do descrédito destinado a quem não era endossado em determinados círculos de legitimação cultural:

Ele nunca foi mais curioso  
Pra entender a sua letra  
Ou mesmo ouvir sua canção  
Porém faz pose pra gritar maravilhoso  
Se você é o convidado especial do Opinião.

Em “Mãos Libertas”, é a própria experiência de quem canta que serve de mote para um posicionamento com certo tom de desdém:

Ah, se essa gente soubesse  
Não me complicaria  
Não me discutiria  
Pois faço só poesia

Ah, se essa gente soubesse  
Não falava tanto  
Só escutava o canto  
Para entender a rima.

Assim, a sua vivência atua como um índice para expressar as violências coletivas experienciadas pela população negra. Sendo esta uma questão recorrente e, não por acaso, voltaria a ser tematizada na obra da compositora, a exemplo da canção “Status”, do disco “As coisas do meu pessoal”, de 1977:

Com objetivo de melhorar  
Procurei me associar em uma agremiação  
Me perguntaram você tem status?  
Solicitei uma orientação

Onde mora?  
Saldo médio?  
O que come?  
O que veste?  
O que cria?  
Já viajou para o exterior?  
Dependendo das respostas você se associa

Foi nesse processo de aprimorar sua capacidade de perceber os eventos e transformar em narrativa sonora que Leci Brandão chegou à composição da letra e da música de “Zé do Caroço”, em 1978, que foi gravada apenas no disco de 1985. Conta Leci Brandão:

Eu tinha um grande amigo, o Cláudio... Ele era jornalista do jornal O Dia e o Cláudio me contou que estava muito preocupado porque tinha um líder comunitário chamado Zé do Caroço lá no Morro do Pau da Bandeira [na Vila Isabel], que tinha um serviço alto-falante, que hoje é a rádio comunitária. Nessa mesma Rua Petrocochino tinha um prédio e nesse prédio morava um militar e a esposa dele assistia à novela das oito. E o Zé do Caroço coincidentemente ligava lá o alto-falante no horário da novela e ela começou a reclamar porque atrapalhava ela assistir à novela o som do serviço de auto-falante do Morro. Ele me contou essa história aí e ela ficou na minha cabeça. Enfim, um belo dia, eu vinha da zona sul indo para Tijuca, dirigindo tranquilamente... não era o trânsito de hoje, né a gente... Era outra coisa... E veio aquela linha melódica. Porque assim, eu sou compositora intuitiva. Então, Deus, quando manda, ela já manda letra e música, introdução, tudo direitinho. Aí começou a vir aquele negócio: “No serviço de alto-falante...” (Brandão, 2017).<sup>2</sup>

A canção, que se tornaria a mais regravada composição de Leci Brandão, é uma espécie de síntese da forma como ela se tornou uma exímia analista e intérprete do Brasil do pós-abolição.

Num serviço de alto-falante  
No Morro do Pau da Bandeira

---

<sup>2</sup> Cf.: Leci Brandão - Explicando a música - Zé do Caroço. Canal do Imperator Centro Cultural João Nogueira, 2 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://youtu.be/zmloYzjMvVM?si=0CFf6F9tq2mOT7Gt>.

Quem avisa é o Zé do Caroço  
Amanhã vai fazer alvoroço  
Alertando a favela inteira  
(...)  
E na hora que a televisão brasileira  
Destrói toda gente com sua novela  
É que o Zé bota a boca no mundo  
Ele faz um discurso profundo  
Ele quer ver o bem da favela  
Está nascendo um novo líder  
No Morro do Pau da Bandeira  
Está nascendo um novo líder  
No Morro do Pau da Bandeira  
No Morro do Pau da Bandeira  
No Morro do Pau da Bandeira  
(...)  
Ai, como eu queria que fosse Mangueira  
Que existisse outro Zé do Caroço  
Pra falar de uma vez pra esse moço  
Carnaval não é esse colosso  
Nossa escola é raiz, é uma madeira

Com uma voz expressiva e letras que retratam tanto as lutas quanto as alegrias do povo negro, Leci Brandão consolidou-se como uma autêntica representante das causas populares, empregando sua arte para reverberar vozes frequentemente silenciadas por processos históricos de subalternização e violência de raça, classe e gênero.

A propósito dessas várias frentes de luta, em 1975, a cantora e compositora lançou o álbum “Antes que eu volte a ser nada”, do qual se destacam as faixas “Cadê Marisa” e “G.R.E de samba”. A primeira explora a conexão entre as mulheres negras e as escolas de samba, abordando as dimensões do trabalho doméstico e as restritas possibilidades de ascensão social às mulheres negras de então. A letra antecipa e mostra a realidade que anos depois Lélia Gonzales (1984) analisa em “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”. Na obra, a autora aponta a necessidade de interpretar o racismo no Brasil imbricado com o sexismo, ressaltando assim os efeitos violentos e particulares sobre a mulher negra. Para isso, ela mobiliza três imagens: a doméstica, a mulata e a mãe negra. em todas, Lélia trabalha o lugar de subalternidade e exclusão de lugares reconhecidos na família e no trabalho. De forma irônica, a autora explicita:

Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler o jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALES, 1984, p. 226)

Em “G.R.E de samba”, a compositora busca estabelecer um contraponto às dinâmicas comerciais que orbitam as Escolas de Samba, instituições estas que foram fundadas pela população periférica e afrodescendente residente nos morros, comunidades e favelas. Tais dinâmicas são denunciadas também em outras composições, como “Apenas Um Bloco De Sujo”, em que afirma:

O pessoal lá do morro resolveu  
Formar um bloco de sujo pra sambar  
Porque a escola de samba enriqueceu  
E a gente nossa já não tem lugar.

Leci se dedica a essas composições, muitas com a forma musical dos sambas de enredo, com o intuito de evidenciar as dinâmicas de transformação financeira do carnaval, o processo de mercantilização das escolas de samba e a comercialização da festa, considerando critérios de raça, classe e gênero, de maneira a demonstrar a obliteração e o abafamento da população pobre e negra de suas manifestações culturais, em prol dos interesses da indústria do entretenimento, que esvazia as práticas e os protagonismos dos agentes da cultura popular, que frequentemente possuem apenas seu corpo, saberes e história como capital cultural, sobretudo advindo dos processos afro-diaspóricos.

É oportuno reconhecer ainda que os sambas e outras músicas compostas e gravadas por Leci Brandão estão, de forma inegável, entre as iniciativas que se fizeram fundamentais para pavimentar os caminhos que levaram à promulgação da Lei n. 10.639, em 2003, dispositivo que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas.

Os aproveitamentos feitos por Leci do samba, hoje reconhecido como patrimônio imaterial brasileiro, aliás, merecem uma reflexão especial nesta justificativa, por meio da qual se reconhece a importância da trajetória e da obra da homenageada para o que o Brasil, em sua diversidade, compreenda a si mesmo.

### **“O samba é a carteira de identidade do Brasil”**

O samba apresenta uma profunda conexão com a diáspora africana. Como salientado pelo musicólogo Carlos Sandroni (2012, p. 86), a palavra *samba* – incluindo suas variações linguísticas – pode ser encontrada em diferentes localidades do continente americano, sempre designando práticas ligadas ao universo africano ou afrodescendente. O autor informa que uma das hipóteses no que concerne à etimologia dessa palavra a relaciona ao termo *semba*, proveniente da língua quimbundo, falada em Angola, que designa o gesto coreográfico da umbigada. Nesse sentido, o samba estaria originalmente relacionado às danças de roda praticadas pela comunidade africana e

afrodescendente<sup>3</sup>, algo que se perpetua de forma mais tangível no samba de roda da região do Recôncavo baiano, o qual inclusive foi reconhecido como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2005 (Sandroni, 2010).

Ao longo das primeiras décadas do século XX, no Brasil, o samba experimentou profundas reconfigurações que, por ocorrerem na então capital federal - Rio de Janeiro - tiveram desdobramentos bastante significativos. Em um contexto pós-abolicionista, a cidade passou a ser vista como um local de sobrevivência para um amplo contingente da população negra que, saída da desumana experiência da escravização, não foi incorporada pelo trabalho assalariado nas áreas rurais. Essa conjuntura promoveu um crescimento exponencial da população negra no Rio de Janeiro, trazendo consigo suas práticas culturais, dentre as quais se encontrava o samba.

Em solo carioca, várias dessas práticas ligadas ao samba foram muitas vezes chamadas de *partido-alto*, designação que, no entender de Nei Lopes (1992, p. 51), reunia “várias formas de sambas rurais, as antigas chulas, os antigos sambas corridos (aos quais se acrescenta o solo), os refrões de pernada (batucada e samba duro), bem como os chamados ‘partidos cortados’.

Vale observar que a afluência da população negra para o Rio de Janeiro foi contemporânea da chamada *Belle Époque tropical* (Needell, 1993). Tratava-se de um período em que, em nome dos ideais de “progresso” e de “civilização” – que tinham como modelo as sociedades europeias –, operaram profundas transformações na cidade, promovendo diversificadas formas de violência com grupos mais desfavorecidos dos pontos de vista social e econômico, em especial a população negra. Nesse sentido, a figura das tias baianas – em geral, quituteiras e mães de santo – desempenharam um papel crucial por estabelecerem suas residências como espaços de proteção para que a comunidade negra pudesse se reunir e realizar suas práticas culturais e religiosas, dentre as quais o samba estava presente. Assim, através da atuação de mulheres como Tia Ciata, Tia Perciliana, Tia Carmen e Tia Amélia (Gomes, 2013), evidencia-se o traço *matriarcal* daquela comunidade, o qual terá continuidade em muitas *bambas do samba* das gerações seguintes (Santanna, 2019). Desse modo, o samba de partido-alto firmava-se como uma espécie de trilha sonora desse processo de resistência.

Ao mesmo tempo, a prática do samba não passou incólume, seja à sua conformação enquanto mercadoria da nascente indústria fonográfica, seja às investidas do Estado. No primeiro caso, o episódio do samba “Pelo telefone” figura como emblemático: nascido na casa da Tia Ciata, fruto de uma produção coletiva, a canção foi registrada com autoria atribuída a Donga, um sambista frequentador daquele espaço, e a Mauro de Almeida, um jornalista que não pertencia de forma orgânica àquele grupo, e posteriormente gravada em disco. As transformações decorrentes desse processo foram cuidadosamente

---

<sup>3</sup> Uma investigação mais recente sobre os desdobramentos do samba em Angola na segunda metade do século XX pode ser encontrada na tese de Kuschick (2016).

apresentadas por Sandroni (2012, p. 120-132) e dentre elas se destaca a perda de seu teor de crítica à autoridade policial, algo que estava presente no samba criado coletivamente, mas que desaparece na versão gravada. Ademais, cabe salientar que Donga foi reverenciado por Leci Brandão, em seu primeiro álbum “Antes que eu volte a ser nada”, gravado em 1975, na canção “Pensando em Donga”, na qual a cantora e compositora se remete a ancestralidade tendo como base musical o chorinho, forma pela qual a artista constroi imagens baseadas no imaginário da boemia negra carioca.

Em relação ao Estado, as investidas em relação ao samba ocorreram sobretudo a partir de 1930, com o governo do presidente Getúlio Vargas, e se intensificaram no período do Estado Novo (1937-1945). Não se tratava, porém, da pura repressão ao samba, tal qual havia ocorrido nas duas primeiras décadas do século XX. Ao contrário, foram implementadas diversas iniciativas voltadas para que o samba se adequasse ao modelo de nação urbano-industrializada que o Estado brasileiro procurava instaurar. Dentre essas ações, destacam-se a institucionalização das escolas de samba, o estabelecimento de regras para os desfiles carnavalescos e as premiações para o carnaval e para os sambas e marchas. Nesse sentido, não faltaram sambas – premiados – que exaltasse o trabalho, tendo como um de seus casos mais emblemáticos o samba “O bonde São Januário”, de Wilson Batista e Ataulfo Alves

Quem trabalha é que tem razão  
Eu digo e não tenho medo de errar

Do mesmo modo, surgiram diversos sambas ufanistas, muitos deles chamados de samba-exaltação, cujo exemplo mais ilustrativo é “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, discutido em detalhes pelo historiador Marcos Napolitano (2007).

Brasil  
Meu Brasil brasileiro  
Meu mulato inzoneiro  
Vou cantar-te nos meus versos

O Brasil, samba que dá  
Bamboleio que faz gingar  
O Brasil do meu amor  
Terra de Nosso Senhor  
(...)  
Brasil  
Terra boa e gostosa  
Da morena sestroza  
De olhar indiscreto  
(...)

No que tange ao Carnaval, especificamente aos desfiles das escolas de samba, uma das mais complexas exibições artísticas do mundo moderno e que fazem do samba de enredo a forma épica de expressão e saberes da população afro-brasileira (SIMAS, MUSA, 2024 p. 10), é pertinente destacar que, de 1985 a 2010, Leci Brandão atuou como comentarista dos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e São Paulo, em diversos veículos de rádio e televisão.

Neste raio de atuação midiática, a artista sempre fez questão de destacar em seus comentários, de forma nominal, os agentes da comunidade que ocupavam as alas das baianas, harmonia, mestre sala e porta-bandeira, compositores e a bateria, sendo esses setores a firmeza e a estrutura do maior espetáculo da terra. Dessa forma, Leci reforçava o sentimento de pertencimento baseado na consciência de comunidade e suas próprias práticas, bem como uma reparação pública e midiática, sobretudo por sua capacidade de repertoriar caso a caso os marcos históricos e culturais afro-brasileiros.

Em suma, por seus comentários, o carnaval tornava-se narrável e a comentarista conseguia materializar parte dos anseios e demandas de desespero e esperança, de luta e denúncia, a partir da interpretação dos agentes sobre suas próprias realidades e da História do Brasil, agora, pela forma da festa, em especial daqueles que foram sistematicamente obliterados do direito pleno à cidadania. Haroldo Costa (In: SIMAS, MUSA, 2024) aponta que nós somos devedores dos saberes dessa “autêntica revolução cultural”.

Na contramão dos sambas ufanistas, Leci Brandão construiu composições que abordam as intersecções entre raça, classe e gênero, de maneira recorrente, especialmente no que se refere às experiências de mulheres negras. Em “Ser Mulher” (Leci Brandão, 1976), a artista utiliza o samba para criticar o machismo, adotando um tom de sátira e deboche, em alusão à canção “Amélia de Verdade” de Ataulfo Alves. Em “Marias” (Leci Brandão, 1977), a compositora analisa as diferenças interseccionais entre mulheres, considerando as divisões de raça, classe e a presença delas no contexto urbano.

Maria da cidade anda bem vestida  
Maria do subúrbio não sabe de moda  
Maria da cidade vive a boa vida  
Maria do subúrbio faz da vida a roda  
Maria da cidade tem boa empregada  
Maria do subúrbio tem que se empregar  
Lavando, cozinhando e arrumando a mesa  
Pois dinheiro da despesa tem que se poupar

Dessa forma, nessa canção, a compositora indica as assimetrias nas relações entre mulheres brancas e negras diante das várias clivagens mobilizadas em processos de opressão, indicando a não universalidade da categoria mulher, sobretudo, devido aos referidos marcadores da diferença. Com a canção “O Bagulho do Amante” (Leci Brandão / PH do Cavaco, 2008), a cantora

aborda o tema do encarceramento de mulheres no Brasil. De acordo com dados do Fundo Brasil, que atua na defesa de direitos humanos, das 42 mil mulheres encarceradas no Brasil em 2022, cerca de 62% são negras.

Não matou nem roubou  
Mas foi presa em flagrante  
Escondeu no chateaux  
O bagulho do amante  
O amante saiu e largou o embrulho  
Quando a casa caiu tava lá o bagulho  
(...)  
O amante saudoso nunca mais foi lhe ver  
E ela nem tem direito um pouco de prazer  
E que venha o alvará pra essa pobre mulher  
Que um dia sairá se Deus quiser

### **As batucadas de nossos tantãs contra o sexismo e o racismo**

Leci frequentemente destaca a figura da mulher negra em sua obra, por meio da articulação entre melodia e letra, como demonstrado em “As Coisas Que Mamãe Me Ensinou” (Leci Brandão / Zé Maurício, 1989) e “Cidadã Brasileira” (Martinho da Vila, 1990), além de “Talento de Verdade” (Leci Brandão / Alceu Maia, 1987). Esta última composição estabelece mais uma vez um diálogo com as teses de Lélia González, presentes no ensaio “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” (1984), já citado neste documento. Em consonância com González, Brandão afirma em “Talento de Verdade”::

Mulher, deixa de bandeira  
Mulata nunca foi uma profissão  
Mucama, você é a musa  
Do canto da minha nação  
Se você quer saber o que é seriedade  
É Benedita da Silva  
Aprender o que é garra  
É a mulher do Mandela  
Ver talento de verdade  
Se liga na Ruth de Souza  
Um exemplo de coragem  
Olha pra mãe da favela.

Com esse veio, Leci Brandão ecoa as especificidades do feminismo negro e sua práxis. Tal articulação interseccional vincula Leci Brandão, ainda que de forma autônoma, à tradição dessa interface do feminismo, considerando os fatores elencados por Luiza Bairros (1995, p. 462) que dialoga com Patricia Hill Collins, quando afirma que:

a tradição constituiu se em torno de cinco temas fundamentais que caracterizariam o ponto de vista feminista negro: 1) o legado de uma história de luta 2) a natureza interligada de raça gênero e classe 3) o

combate aos estereótipos ou imagens de controle 4) a atuação como mães professoras e líderes comunitárias 5) e a política sexual.

Leci Brandão também se destacou como uma cidadã da diversidade ao assumir publicamente sua experiência de mulher, negra e homossexual, no jornal "O Lampion da Esquina" (nº 6, de novembro de 1978), desafiando as normas sociais da época. Sua música se tornou um poderoso veículo de enfrentamento à homofobia, abordando questões homoafetivas em canções marcantes como "As Pessoas" e "Eles" (1977), "Ombro Amigo" e "Vamos ao Teatro" (1977), "Essa Tal Criatura" (1980) e "Assumindo" (1985). Por meio de sua arte, Leci não apenas expressou sua identidade, mas também promoveu a aceitação e a luta por direitos, contribuindo significativamente para a visibilidade e o respeito à comunidade LGBTQIAPN+. Especialmente, quando canta:

Vocês estão incomodando uma meia dúzia  
Vocês estão atrapalhando esse meio campo  
Somente porque vocês não são desse meio termo  
E eles estão pretendendo dar a meia trava

Mas no meio dia do Sol ou sob a meia Lua  
Vocês já andam de mãos dadas no meio da rua

### **Prestação de tributo aos Orixás e as expressões afrobrasileiras**

Nessa trajetória de resistência e destaque da cultura africana no Brasil, Leci Brandão também dedicou-se de maneira metódica a homenagear as religiões de matriz afro-brasileira por meio de suas composições e interpretações, além de promover o cancionário de saudações aos Orixás que se origina nos terreiros de Umbanda e Candomblé. Nesses ambientes, ela encontrou as influências percussivas dos Ogãs, que fundamentam sua relação com os instrumentos de percussão, como o tantã e o pandeiro. Em seu repertório, no que diz respeito a este contexto, ressaltamos as seguintes gravações:

1. História de Um Preto Velho (Pelado da Mangueira / Hélio Turco / Comprido) – 1977
2. Santas Almas Benditas (Clareia) – 1978
3. Saudação ao Rei das Ervas (Tradicional / Adapt. Leci Brandão) – 1985
4. Saudação à Iansã (Tradicional) – 1987
5. Saudação a Ogum (Tradicional) – 1988
6. Saudação à Oxum (Tradicional / Adapt. Leci Brandão) – 1989
7. Raça das Matas (Geraldo Espíndola) – 1990
8. Saudação a Oxóssi (Tradicional / Adapt. Leci Brandão) – 1990
9. Saudação a Xangô (Tradicional / Adapt. Leci Brandão) – 1992
10. Saudação a Obaluaiê (Tradicional / Adapt. Leci Brandão) – 1993
11. Saudação à Nanã (Tradicional / Adapt. Leci Brandão) – 1995

12. Saudação à Iemanjá (Tradicional / Adapt. Leci Brandão) – 1996
13. Saudação a Oxumarê (Adaptação) (Leci Brandão) – 1999
14. Saudação à Ossain (Adaptação) (Leci Brandão) – 2000
15. Água Benta (Sombrinha / Alcino Correia (Ratinho)) / É Ouro Só (Mussum / Almir Guineto) – Participação: Reinaldo – 2001
16. Saudação a Logunedé - (Adaptação) (Leci Brandão) – 2002
17. Saudação à Obá (Autor Desconhecido) – 2003

Essa produção musical não apenas enriqueceu o cenário cultural brasileiro, mas também promoveu, materializou e expôs a valorização das manifestações e expressões afro-brasileiras, evidenciando a profunda conexão da artista com suas raízes e sua capacidade de transmitir mensagens de respeito, reverência, promovendo o enfrentamento à intolerância e o racismo religioso tão impingido contra as religiões de matriz africanas no Brasil. Leci Brandão está no grupo daqueles artistas e intelectuais que mostraram “as cores e os motivos dos deuses africanos nas pinturas; e os nomes e lendas dos orixás nas músicas” (Silva, 2006, p. 151).

Importante elucidar a conexão entre cultura popular, resistências afro-brasileiras e afro-diaspóricas e religião em canções como "Cabo Verde" e "Bate Tambor", que marcam a herança africana, enquanto abordam questões sociais e identitárias. Ademais, Leci destaca a importância da memória coletiva e da valorização das tradições afro-brasileiras, promovendo um diálogo sobre a resistência cultural frente à opressão histórica. Músicas como "Olodum Força Divina" também ecoam essa preocupação, unindo a força da música à luta por justiça e igualdade, destacando as movimentações artísticas e culturais da Bahia da década de 1980, como o Olodum, Banda Afro-Mandela e Araketu. Leci empresta sua voz a outros compositores estabelecendo uma circularidade entre composição e interpretação em torno também da recuperação da herança africana.

Olodum força divina da fonte da vida  
Que com seus mistérios trazem encantamento  
Pro nosso cantar  
Ranavalona rainha primeira  
Rei Radama revolucionou  
E com seus gritos porém resumidos  
O império ele comandou

Na história comenta-se fatos  
Tão profundos quanto o nosso ser  
Olodum representa cultura  
Arco-íris, força e poder

Através de obras como "Maliê! Um Canto De Fé Por Um Mundo Melhor" e "Deus do Fogo da Justiça", artistas como Wilson Colombiano e Carlinhos Brown reforçam, na voz de Leci Brandão, a necessidade de um espaço para a expressão afro-brasileira na sociedade contemporânea, a partir das

manifestações advindas especialmente da Bahia e das nações de candomblé, como Ketu.

Foi no Mali ê  
Que o rei Sundiata  
Um lindo império criou  
Alicerce da cultura  
Que um povo consagrou  
Vem do Mali ê  
A força infinita chamada Ilê Aiyê  
Vem do Curuzu  
Um canto de fé por um mundo melhor  
O brilho da avenida não ofusca  
O brilho dessa raça de origem nagô

Através de suas composições, Leci e seus contemporâneos não apenas celebram a cultura afro-brasileira, mas também convocam a sociedade a reconhecer e respeitar a história dos povos africanos como um pilar fundamental da identidade nacional.

É lícito mencionar que Leci Brandão produziu muitos intercâmbios entre Brasil e África, em sua obra, explicitando os vínculos afrodiaspóricos, como na canção “Lá e Cá” (Leci Brandão e Zé Maurício, 1987), que diz o seguinte:

Negro do lado de cá sambando sob o céu azul  
Negro do lado de se acabando África do Sul  
O canto, a dança, a crença  
O pranto, matança, sentença  
Um tambor na avenida que bate  
A pancada o coro que abate.”

Das canções que se voltam para as temáticas da cultura popular brasileira e afro-diaspóricas destacamos:

1. Cantarerê (Edil Pacheco / Paulinho Diniz) - 1980
2. Lá e Cá (Leci Brandão e Zé Maurício) - 1987
3. Olodum, Força Divina (Betão / Tonho Matéria) - 1988
4. Yáfrica (Osmarosman / Hélio Makumba) - 1989
5. Deus do Fogo da Justiça (Brown) - 1989
6. Maliê! Um Canto De Fé Por Um Mundo Melhor (Wilson Colombiano "Maguilim") – 1990
7. Bate Tambor (Leci Brandão / Zé Maurício) - 1992
8. Boi de Lágrimas (Raimundo Makarra) - 1992
9. Depois Que o Ilê Passar (Miltão) - 1996
10. Tributo A Parintins (Paulo Onça / Magno Aguiar) - 1996
11. Mandelaiada (Tonho Matéria / Gilson Nascimento) - 1996
12. Cabo Verde (Leci Brandão) - 1999
13. Perfil Popular (Fabiano Sorriso / Didi Pinheiro / Serginho Madureira) – 2013

14. Festa do Círio de Nazaré (Viradouro - Samba-enredo 1975) (Dário Marciano/ Adherbal Moreira / Nilo Mendes) - Participação: Fabiano Sorriso - 2013

As composições de Leci Brandão igualmente evocam a luta, as práticas comunitárias e a resistência da população afro-brasileira, abordando lideranças e marcos históricos que moldaram parte das identidades da população negra no Brasil. Como indicado anteriormente, em "Zé do Caroço" (1985), sua canção de maior sucesso, Leci evidencia a figura do homem negro marginalizado, residente do morro, que prestava serviços informacionais à comunidade com o serviço de autofalante, simbolizando a luta diária contra o preconceito, desinformação e a desigualdade, além de refletir a consciência política do povo preto brasileiro. Esta obra é um retrato da realidade social e política do período, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar as vozes que clamam por justiça e igualdade, tendo sido lançada no ano em que se iniciava o processo de redemocratização do Brasil.

Avançando para "Guerrilheiro Urbano" (1988), Leci e Paulinho Cavalcanti ressaltam a necessidade de resistência e ação diante das injustiças, a partir da agência do povo precarizado no Brasil, no ano da promulgação da Constituição.

Outra canção que também estabelece uma conexão com a luta de líderes, como Martin Luther King, é "Tributo a Martin Luther King" (gravada em 2008), de Wilson Simonal e Ronaldo Bôscoli, que sublinha a relevância da luta pacífica e pelos direitos civis. Essas obras, em conjunto, formam um mosaico que celebra a coragem e a determinação de líderes que inspiraram mudanças significativas na sociedade.

[Leci]

Sim sou negro de cor  
Meu irmão de minha cor  
O que te peço é luta sim  
Luta mais que a luta esta no fim

[Simoninha]

Cada negro que for mais um negro virá  
para lutar com sangue ou não  
Com a canção também se luta irmão  
Ouvi minha voz, Luta por nós

[refrao][leci]

Luta negra demais é lutar pela paz  
Luta negra demais para sermos iguais  
Para sermos iguais

Na década de 1990, Leci Brandão prossegue na exploração de temas de resistência e identidade, por exemplo, em "Cara Pintada" (1993) e "Negro Zumbi" (1995). A primeira canção aborda a luta dos Cara Pintadas diante do impeachment do então Presidente Fernando Collor de Mello e a busca por um futuro mais promissor, enquanto "Negro Zumbi" presta homenagem à figura

histórica de Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência negra contra a escravidão.

Zumbi, o teu grito ecoou  
No Quilombo dos Palmares  
Como um pássaro que voou  
Tão liberto pelos ares  
Um grito de dor e de fé  
Ficou registrado na nossa história  
Pela luta, pelo axé  
pela garra, pela glória

Negro Zumbi, negro Zumbi  
Negro Zumbi, negro Zumbi  
(...)

Quem te faz homenagem  
É a banda afro Mandela  
Da cultura da raça essa banda  
É sentinela

Por meio dessas canções, Leci não apenas exalta as conquistas da população afro-brasileira, mas também convoca as novas gerações a darem continuidade à luta por igualdade e justiça social. Deste escopo temático destacamos as seguintes canções compostas e ou interpretadas por ela:

1. Zé do Carço (Leci Brandão) - 1985
2. Guerrilheiro Urbano (Leci Brandão / Paulinho Cavalcanti) - 1988
3. Revolta Olodum (José Olissan / Domingos Sergio) - 1992
4. Cara Pintada (Leci Brandão) - 1993
5. Negro Zumbi (Leci Brandão / Valdilene / Afro Mandela) - 1995
6. Tributo a Martin Luther King (Wilson Simonal / Ronaldo Bôscoli) – 2008

As lutas exercidas pelos povos originários contra a brutalidade da colonialidade e suas interfaces contemporâneas e históricas também são abordadas por Leci Brandão, na medida em que a artista destaca a importância da defesa dos povos originários e amazônicos que, historicamente, resistem à exploração desenfreada e devastadora de suas terras e culturas por parte do capital do agronegócio.

A artista utiliza sua música como um meio de apresentar parte da resistência dos povos indígenas, trazendo à tona as práticas culturais desses povos e denunciando o extrativismo exploratório. A destruição da floresta amazônica que força o desaparecimento de comunidades indígenas são questões consideradas em sua obra, que busca conscientizar a sociedade sobre a urgência de preservar essas identidades e ecossistemas. As canções de Leci Brandão, como "Natureza" (Leci Brandão/Rosinha de Valença, 1978), "Pátria Mata" (Tony Medeiros / Inaldo Cursino; 1992) e "Sabor Açaí" (Nilson Chaves /

João Gomes; 2000) refletem a riqueza cultural e a luta dos povos da Amazônia, evidenciando a conexão intrínseca entre a natureza e a identidade brasileira.

Tupinambá, caiapó, camaiurá  
Mundurucu, atroari, caxinauá

Este rio, esta terra foram focos de guerra  
Esta mata, esta gente, este povo valente  
Muitas luas viveu nesta beira de rio  
Esta mata já foi pátria também  
Salve as nações de guerreiros  
Eternos herdeiros que o tempo esqueceu  
Olha o clamor da floresta  
E o punhado de cinza que resta na palma da mão

Ê, rauê, rauê, rauê, rauê

Ao abordar temas como a exploração econômica e a degradação ambiental, a artista não apenas evoca a diversidade cultural, mas também se soma às vozes em torno do reconhecimento de outro genocídio étnico e cultural para a construção do país. Leci amplia sua voz ao exercê-la em torno do respeito dos direitos dos povos originários. Assim, sua música se torna um poderoso instrumento de resistência e um chamado à ação em defesa da Amazônia e de suas comunidades. Existe assim uma atenção voltada para o “Brasil Indígena”.

### **Outro diálogo com a música urbana negra: o rap e a cultura hip hop**

Não obstante, assim como acompanhou as produções artísticas do Axé, registrando canções de Tonho Matéria, Betão, Carlinhos Brown, Wilson Colombiano, entre outros, e também escreveu letras sobre a questão indígena, Leci Brandão também espraia sua atuação a partir do diálogo com o rap, a partir de 1993, quando gravou a canção “Atitude”, de sua própria autoria, para o disco homônimo. Em 1992, o grupo de rap Racionais MCs a homenageou na canção “Voz ativa” (Mano Brown / Edi Rock), presente na coletânea “Racionais MC’s”, na qual interpretam, em sintonia com o ritmo, os seguintes versos:

[...]Esse é o Brasil que eles desejam que exista  
Evoluído e belo, mas sem negros em destaque  
Apresentam um país que não é real  
Ocultam nossa raiz  
Milhões de negros assistem  
Curioso que deles eles necessitam  
Nosso dinheiro nunca é discriminado  
Aqui fica minha pergunta  
Desses artistas tão renomados  
Qual você reconhece?  
Portanto, Leci Brandão, Moisés da Rocha  
Thaíde e DJ Hum, Ivo Meirelles, Moleques de Rua, entre outros

E do leste de São Paulo, o Grupo DMN  
Pode crer, é isso mesmo.

Em 1999, Leci Brandão retribuiu a homenagem do grupo com a canção “Pro Mano Brown”, gravada no disco “Autoestima”. Ao reafirmar os laços entre o samba e o rap, a partir da década de 1990, a cantora participa de mais uma frente de manifestação e expressões das populações afro-brasileiras, consolidando colaborações com rappers, como Rappin Hood na canção “Sou Negrão” (2002).

[Leci]

Aí, o Rap é o novo partido  
Rappin Hood é o partideiro  
Salve o Samba, salve o rap brasileiro

[Rappin Hood]

Subi o morro pra cantar (o rap ahh, o rap ahh)  
Que é pra malando se ligar (o rap ahh, o rap ahh)  
Que malandragem é trabalhar (o rap ahh, o rap ahh)  
E a pivetada estudar  
(...)  
Como Grande Othelo, João do Pulo, BB King e o Blues  
Raul de Souza, Milles Davis, improviso no jazz  
Pixinguinha e Cartola, velha guarda do samba  
Luiz Melodia e Milton Nascimento, dois bambas  
Vieram os metralhas como rap abolição  
Falando do negro e de sua opinião  
Pois, muitos negros já percorreram a trilha do sucesso  
Jackson do Pandeiro, Candeia e Aniceto  
Kizomba, Festa da Raça com Martinho e a Vila  
(...)

Ivo Meirelles, Jamelão e aí Mangueira  
Luta marcial, jogar capoeira  
Negra mulher, preta Dandara  
Leci Brandão, Jovelina, Ivone Lara  
Cabelo rasta, dança afoxé  
Anastácia e Benedita, muito axé  
Djavan e o seu som genial  
O rei do balanço, mestre James Brown  
Também falando de maninhos que não aceitam revide  
Aqui vai o meu alô pra DJ Hum e Thaíde  
E a reunião da grande massa black  
Acontece aqui, nos versos do samba-  
rap  
Na intenção de ver um dia o negro sorrindo  
Não esquecendo de falar de Sandra de Sá  
Com os seus olhos coloridos fez a massa balançar  
(...)

De forma incisiva, o rap também se configura como um “trilho” da plataforma de resistência contra o genocídio sistemático da população negra que tem suas bases nas estruturas do passado colonial escravista. O samba de Leci Brandão converge com o rap nacional, pois este é um dos vetores da vivência das populações marginalizadas e precarizadas nas periferias do país, que se distanciam com veemência do discurso da “nação mestiça” (Oliveira, 2018, p. 25).

O rap, ética e esteticamente, não se ocupa de padrões intelectuais de conciliação e de uma suposta integração, frequentemente evocada pelo “mito da democracia racial”, essa que nunca se concretizou, dada a manutenção das desigualdades sociais marcadas por caracteres de raça, classe e gênero de forma articulada. Segundo Acauam Silvério de Oliveira (2018, p. 20), o rap, seus artistas e suas obras, como “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais MCs, indicam que:

[...] O que a periferia percebeu antes de todos é que esse modelo genocida de organização social, ancorado numa série de mecanismos herdados da escravidão e aperfeiçoados durante a ditadura, não se volta apenas contra aqueles considerados “criminosos”, tendo se convertido em norma geral, com aprovação quase irrestrita da opinião pública.

A compreensão profunda dessas tragédias – não como meros acidentes de percurso da civilização brasileira, mas como fundamentos mesmo de um projeto nacional [...].

Nesse contexto, observa-se uma relação dialógica na obra de Leci Brandão, que, ao longo de sua trajetória, promoveu um vínculo significativo entre o samba, o axé e o rap. Essa interação representa um espaço potente para o ativismo político e as formas de manifestação do pensamento da população negra afro-brasileira, configurando-se como uma resposta contundente e com a voz elevada contra as violências historicamente perpetradas contra esse segmento social, marcado por processos de desigualdades raciais, de classe e de gênero. Tal aspecto pode ser evidenciado em canções que tratam do próprio rap, da vida nas comunidades e favelas, assim como dos processos políticos de descaso em relação à população pobre, negra, periférica e vulnerável. Nessa vereda, existem canções que merecem destaque, dentre elas encontramos:

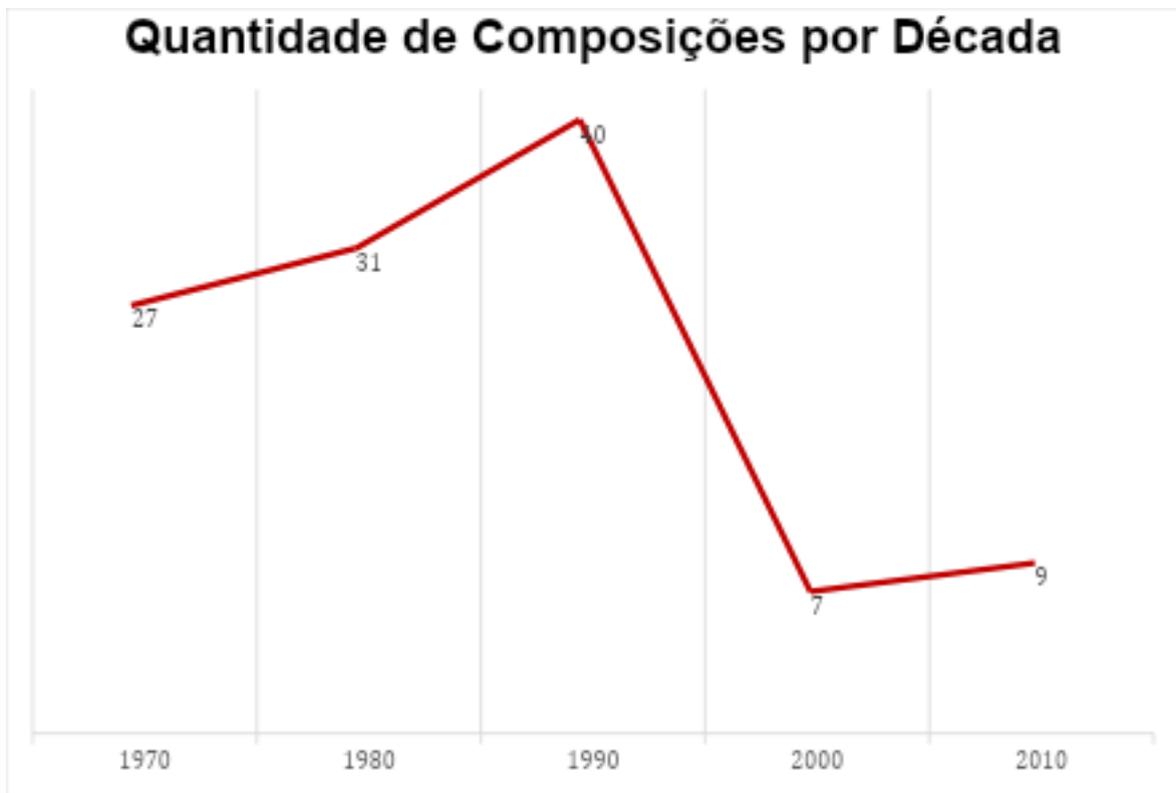
1. O Dono e o Povo (Leci Brandão) - 1992; 2003
2. Zé Brasileiro (Leci Brandão / Zé Maurício / Nei Martins) - 1993
3. Deixa Viver (Leci Brandão / Dionísio Santos) - 1993
4. Atitude (Leci Brandão / Zé Maurício) - 1993
5. Rio, Sangue Bom (Leci Brandão / Zé Maurício / Marcelo Barão) - 1995
6. É a Lei É a Lei (Leci Brandão / Zé Maurício) - 1995
7. Meninos De Rua (Pedro de Saint Germain / Raphael Pristo / Talmo Scaranari) - 1996
8. Pro Mano Brown (Leci Brandão / Zé Maurício) - 1999
9. Medley: Menor Abandonado (Pedrinho da Flor / Mauro Diniz / Zeca Pagodinho); Deixa Deixa (Leci Brandão) - 2000
10. Cadê a Dignidade? (Arlindo Cruz / Sombrinha / Rubens Gordinho) - 2002
11. Sou Negrão (Rappin Hood) Participação: Rappin Hood - 2002
12. Deixa Deixa (Leci Brandão) Participação: Mano Brown e Rosana Bronx-2006
13. O Morro Não Tem Vez (Tom Jobim / Vinicius de Moraes) Participação: Alcione / Zeca do Trombone - 2006

14. Identidade (Jorge Aragão) - 2006

15. Saudações (Leci Brandão / PH do Cavaco) - 2013

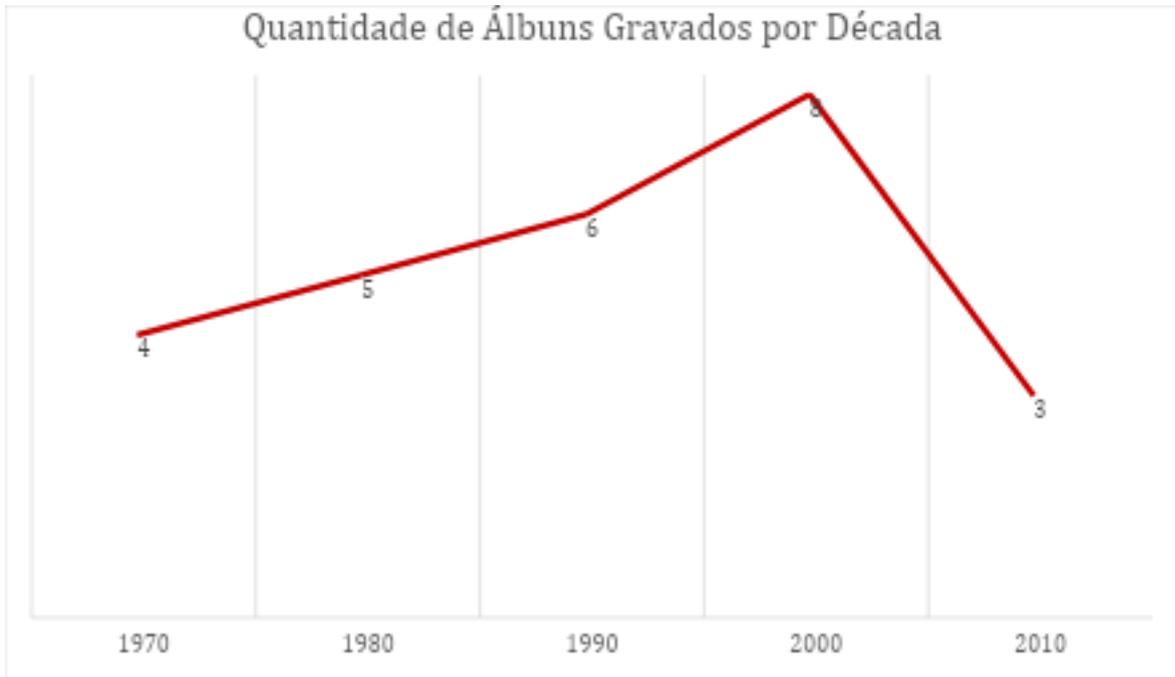
Importante destacar, por fim, como ao longo das décadas Leci manteve sua produção de composição, com destaque na década de 1990, como mostra o gráfico 1 abaixo. Mas, também a artista também amplia no mesmo período seu perfil de intérprete, tendo na década seguinte - os anos 2000 - o período de maior produção em termos de gravação de discos. Isso também se encontra com um momento de retomada de seu reconhecimento na construção do samba, da cultura brasileira e da resistência negra, após décadas de perdas e apagamentos, como mostra o gráfico 2.

**Gráfico 01 - Composições de Leci Brandão**



Fonte: Elaboração de gráficos feitas pelo grupo de pesquisa DECOS/DCSo/UFSCar a partir dos dados extraídos do Instituto Memória Musical Brasileira: <https://immub.org/artista/leci-brandao>

**Gráfico 02 - Discos gravados**



Fonte: Elaboração de gráficos feitas pelo grupo de pesquisa DECOS/DCSo/UFSCar a partir dos dados extraídos do Instituto Memória Musical Brasileira: <https://immub.org/artista/leci-brandao>

**“Tudo é educação / é matéria de todo o tempo”**

Na sala de aula  
É que se forma um cidadão  
Na sala de aula  
É que se muda uma nação  
Na sala de aula  
Não há idade e nem cor  
Por isso aceite e respeite o meu professor  
("Anjos da Guarda, Leci Brandão)

Em 1995, Leci lançou o samba “Anjos da Guarda”, que se consolidou como um verdadeiro hino em defesa da educação pública, valorizando o magistério e denunciando as adversidades históricas enfrentadas por docentes e discentes no Brasil. Conforme observa Celestino (2024), a composição instaura uma estética da resistência da educação, ao propor a escola pública de qualidade como instrumento de transformação social e construção cidadã.

O samba pode ser compreendido, de acordo com Celestino (2024), como uma síntese dos debates vivenciados na primeira metade dos anos 1990, especialmente no contexto pós-Constituição de 1988, período em que as reformas educacionais avançavam de forma extremamente lenta. O projeto de lei que visava reformar a educação, herdado do período da ditadura civil-militar,

estava paralisado no Congresso havia mais de cinco anos, o que contribuía para a manutenção de um modelo educacional excludente, com elevados índices de evasão escolar e analfabetismo — números alarmantes para um país que proclamara a República há mais de um século (Celestino, 2024, p. 84).

Esse cenário foi traduzido poeticamente no samba de Leci Brandão, que se dirigiu aos “professores / protetores / das crianças do meu país” expressando o desejo por “um discurso bem mais feliz”. A canção surge, assim, a contrapelo do impasse legislativo da época, antecipando o clamor social por mudanças estruturais que se concretizaram cerca de um ano depois, com a sanção da Lei Federal nº 9.394/1996, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Foi nesse cenário de adversidades que Leci Brandão dirigiu-se aos “professores / protetores / das crianças do meu país”, evocando o anseio por um “discurso bem mais feliz” — um clamor ético e afetivo que reverbera os anseios de uma sociedade em busca de justiça educacional. A canção enaltece a sala de aula como espaço privilegiado de formação cidadã e de transformação da realidade, enfatizando o papel insubstituível do magistério: *“Na sala de aula / É que se forma um cidadão / Na sala de aula / Que se muda uma nação...”*

O apelo por reconhecimento — “palmas aos professores” — não se estrutura como exaltação triunfalista, mas como gesto simbólico de valorização diante da crueza do cotidiano escolar. A figura do professor é metaforicamente associada à de “anjos da guarda”, sobretudo em sua relação com a infância, reposicionando a docência como prática de transformação e esperança. Como analisa Sousa (2017), a canção permanece, mesmo após décadas, como uma convocação legítima à juventude, especialmente por ser narrada por uma artista como Leci Brandão: mulher negra, de origem popular, educada em escolas tradicionais e cuja trajetória artístico-política se forjou na afirmação das lutas sociais e na defesa intransigente dos direitos coletivos.

No entanto, a promulgação da LDB, ocorrida no ano subsequente ao lançamento da música, não representou o fim dos desafios estruturais do campo educacional. Entretanto, o samba permaneceu como símbolo de resistência e inspiração, especialmente entre sindicatos e movimentos de trabalhadores da educação. Tornou-se um elogio à missão docente, cuja dignidade é reafirmada mesmo a partir da adversidade:

*“Ensinem a quem pensa que sabe de tudo  
A entregar o conhecimento.”*

A atualidade da composição, mesmo após quase três décadas, revela a persistência das contradições no campo educacional brasileiro. A leitura do samba sob a perspectiva de uma história a contrapelo, nos termos de Walter Benjamin, permite compreender o papel do magistério na tradição dos oprimidos (CELESTINO, 2024). Ao convocar os professores como “anjos da guarda” da

infância e da juventude, a canção reintegra à docência seu sentido mais profundo: formar sujeitos críticos, autônomos e comprometidos com a transformação social.

Cabe destacar que a obra de Leci Brandão, como a canção “Anjos da Guarda”, de forma geral, se interliga ao aspecto formativo do Movimento Negro Educador, estudado por Nilma Lino Gomes, na medida em que o mesmo e seus agentes articulam “saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais” (Gomes, 2018, p. 16). Na esteira do que Gomes aponta sobre essa interface do Movimento Negro, Leci Brandão dialoga com ela a partir de sua criação e participação de um espaço discursivo que ensina e que anseia a liberdade, como algo indivisível, e por equidade social. Isso a inclui no hall das Mulheres Negras “[...] que lutaram e lutam pela superação do racismo e pela construção da emancipação social do Brasil e na diáspora africana” (Gomes, 2018, p. 13).

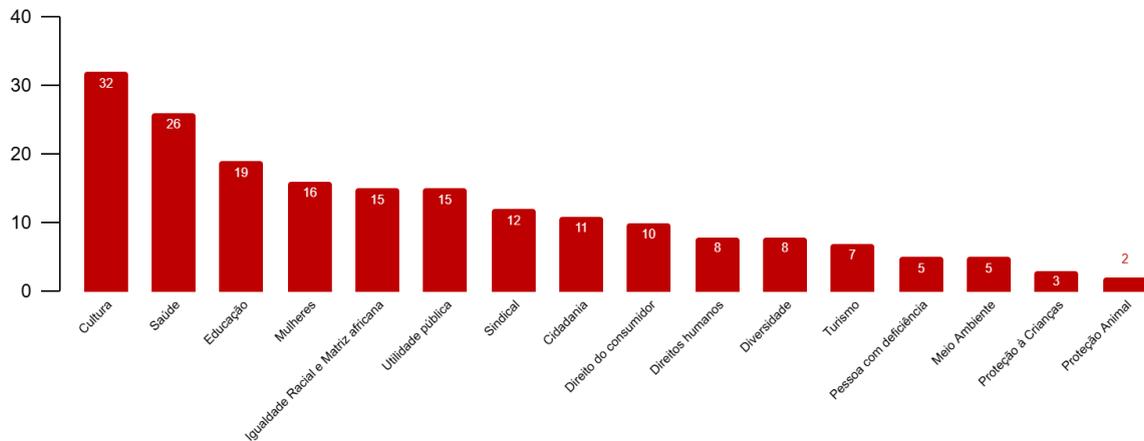
### **Atuação política**

A atuação política cultural traduzida nas suas letras, canções e ativismo, se transforma em representação política formal quando, em 2010, Leci se filia ao Partido Comunista Brasileiro (PC do B) e é eleita deputada estadual em São Paulo. Desde então, Leci coleciona mais 3 vitórias consecutivas, estando no seu quarto mandato na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP).

Seu pioneirismo se expressa ainda no fato de ser a segunda deputada negra na história da ALESP, sendo antecederida pela Deputada Theodosina Rosário Ribeiro. Ao todo, propôs individual ou coletivamente mais de 270 projetos de lei, sendo uma das parlamentares mais presentes na Casa. Foi membro da Comissão de Direitos Humanos e vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura

Entre os principais temas de atuação de Leci como deputada, está a Cultura, Saúde, Educação e questões ligadas à igualdade racial e valorização da matriz africana, como demonstrado no gráfico abaixo que reúne as proposições de projetos de lei de sua autoria ou em que atuou coletivamente.

**Gráfico 3: Propostas de Lei da Dep. Leci Brandão por tema (2010-2025)**



Fonte: Elaboração do grupo de pesquisa DECOS/DCSo/UFSCar a partir dos documentos legislativos disponibilizados pelo gabinete da deputada

Na Cultura, das 32 proposições, 20 se tornaram lei e versaram especialmente no resgate e fortalecimento da expressão cultural negra. Em termos de orçamento, nos últimos 5 anos, Leci destinou quase 10 milhões de reais para fomentar iniciativas por todo o estado de São Paulo, com destaques para a realização de feiras e eventos culturais voltados para a população afro-brasileira, associações de sambistas e locais de memória, como a Casa Afro de Campinas, Memorial da América Latina e Laboratório de Arte Contemporânea.

**FIGURA 1: Nuvem de palavras dos projetos de Leci Brandão no tema “Cultura”**



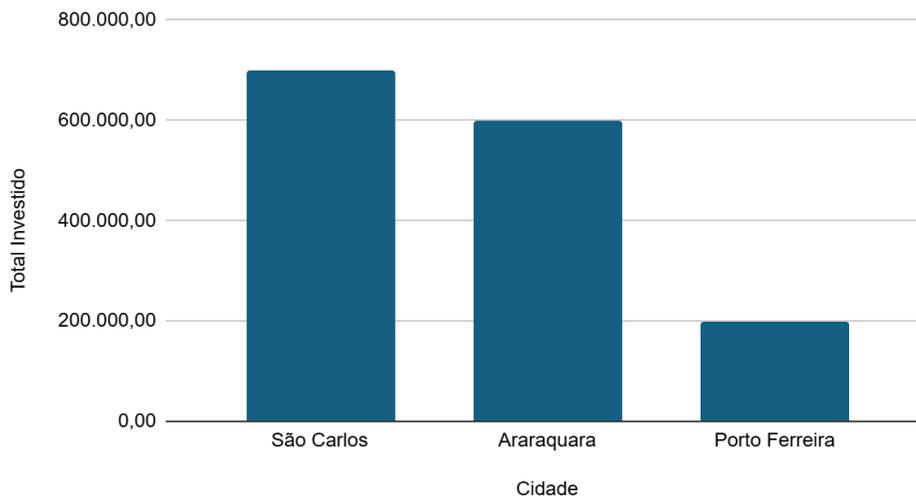
Fonte: Elaboração do grupo de pesquisa DECOS/DCSo/UFSCar a partir dos documentos legislativos disponibilizados pelo gabinete da deputada



deputada Tainara Faria, do Partido dos Trabalhadores (PT). Essa emenda faz parte do conjunto de 1,5 milhão de reais destinados apenas nos últimos anos para os municípios de São Carlos e região, como mostra o gráfico abaixo.

**GRÁFICO 4:** Total de emendas para São Carlos e região (2020-2024)

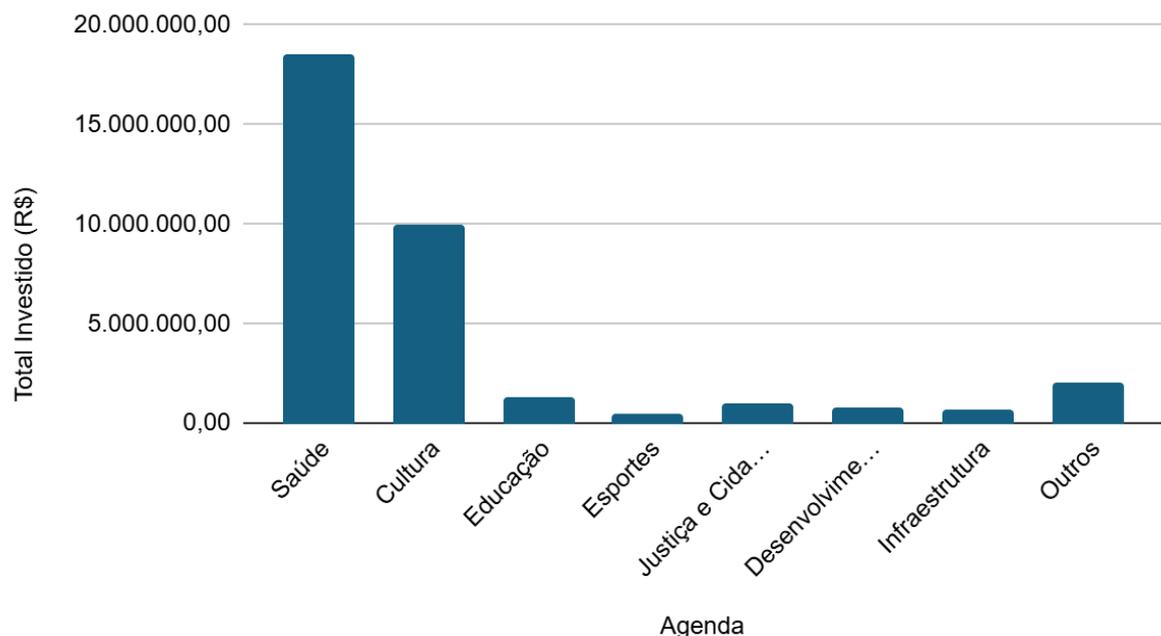
Total Investido em São Carlos e Região (2020-2024)



Fonte: Elaboração do grupo de pesquisa DECOS/DCSo/UFSCar a partir dos documentos legislativos disponibilizados pelo gabinete da deputada

**GRÁFICO 5:** Total de emendas (R\$) por agenda de Políticas Públicas

Total Destinado (R\$) em emendas x Agenda



Fonte: Elaboração do grupo de pesquisa DECOS/DCSo/UFSCar a partir dos documentos legislativos disponibilizados pelo gabinete da deputada

**FIGURA 3: Nuvem de palavras da área da “Saúde”**



Fonte: Elaboração do grupo de pesquisa DECOS/DCSo/UFSCar a partir dos documentos legislativos disponibilizados pelo gabinete da deputada

Entre 2020 e 2025 a deputada Leci Brandão destinou mais de 18,5 milhões de reais para políticas públicas de atenção à saúde - compra de equipamentos, infraestrutura de UBS e hospitais. Entre os projetos de lei, a saúde da mulher negra, das crianças e o combate à pandemia são os focos, como os projetos que propuseram a prevenção da violência obstétrica, a criação da "Semana Estadual de Conscientização sobre os Direitos das Gestantes", a gratuidade nos transportes públicos de passageiros às pessoas doentes de tuberculose e a criação do “Disque Saúde Mental da Mulher”, entre outras. Importante destacar ainda a proposta de instituição de bolsas de apoio à estudantes da rede de ensino básico e superior no período da Pandemia do Coronavírus, bem como a suspensão de cobrança de mensalidades em instituições privadas de ensino durante o isolamento ocasionado pela Covid.

Por fim, as questões étnico-raciais e da realidade das mulheres negras e periféricas também formam um conjunto importante da atuação política de Leci Brandão como deputada estadual. É importante destacar ainda os recursos enviados para infraestrutura de assentamentos rurais e comunidades quilombolas. Esse escopo de atuação vemos na nuvem de palavras abaixo:

FIGURA 4: Nuvem de Palavras de proposições no tema “Igualdade Racial”



Fonte: Elaboração do grupo de pesquisa DECOS/DCSo/UFSCar a partir dos documentos legislativos disponibilizados pelo gabinete da deputada

A questão da maternidade e assistência à mulher parturiente está presente na sua atuação, como vemos na Figura 5, bem como na valorização das religiões de matriz africana e da cultura negra, com palavras como Ogum, asé, lemanjá e candomblé da Figura 4. Esses termos se referem ao reconhecimento da cultura africana a partir das leis de sua autoria que instituíram os dias de lemanjá - 02 de fevereiro - e de Ogum - 23 de abril - no calendário oficial do estado, além do dia 15 de novembro como “Dia da Umbanda” e o “Dia Estadual do Orgulho Crespo de São Paulo”. Das 15 proposições feitas na temática da Igualdade Racial, 10 se tornaram lei.

O combate à discriminação e a violência contra a população negra e as mulheres é central no seu trabalho com o PL nº 1152/2011, que institui o Fundo para a Superação da Discriminação Racial e Promoção da Igualdade - FSDRPI - e o PL nº 226/2017, que dispõe sobre penalidades administrativas a serem aplicadas pela prática de atos de discriminação por motivo religioso.



## PROPOSIÇÃO DE OUTORGA DO TÍTULO DE DOUTORA HONORIS CAUSA À LECI BRANDÃO

Diante do exposto, o reconhecimento da relevância da obra e trajetória de Leci Brandão figura como uma medida de reparação ao subdimensionamento e até mesmo às tentativas de anulação do conhecimento produzido por mulheres negras em seus espaços de atuação. Neste caso, o samba, o ativismo, a política. Intransigente com a defesa de suas identidades de raça e gênero, Leci firmou-se como referência incontornável dos caminhos pavimentados por mulheres e homens negros e pobres para sustentar existências individuais e coletivas no Brasil e na Diáspora Africana.

É, de fato, uma atuação que contribui para a formação do conhecimento de nós mesmos sobre nós mesmos - como país e como nação. E merece ser reconhecida como um exemplo vivo de como transpor a atuação orgânica e individual para um legado de conhecimento e promoção da cultura brasileira. Sua trajetória é um testemunho de resistência e de celebração da presença da população negra na cultura brasileira.

A comissão deseja que esta honraria, para além da justificada contribuição de Leci Brandão dentro dos requisitos exigidos pelo regimento da própria Universidade, seja também a possibilidade de uma “política de respeitabilidade” e de consideração das mulheres negras, como sujeito contribuinte da nação brasileira, lugar raramente reconhecido – nos termos propostos por Evelyn Higginbotham (1993). Afinal, trata-se de superar o grave contrassenso observado por Kabengele Munanga:

[...] Se individualmente os politicamente "negros" e historicamente "afro-brasileiros" produziram e produzem obras que engrandecem o Brasil, se coletivamente eles contribuíram na modelação da identidade brasileira, a sua posição coletiva na escala social, na distribuição do produto social, na participação do comando do país, no sistema educativo e nos demais setores da vida nacional deixam a desejar e deveriam entrar também na pauta desta comemoração. (Munanga, 2019, p. 21).

Assim, o que a Universidade Federal de São Carlos irá fazer ao conceder o título de Doutora Honoris Causa a Leci Brandão, mais do que um elogio à esta ilustre intelectual popular e ativista, é reafirmar o seu próprio protagonismo na superação de desigualdades historicamente construídas, que também precisam ser historicamente superadas. Esta universidade tem diante de si uma oportunidade ímpar de potencialização do engajamento do espaço acadêmico na luta antirracista e antissexista, fazendo uma espécie de reajuste no processo de lembrança da construção de nosso país e de seu próprio devir.

A concessão de um título de Honoris Causa carrega consigo um profundo valor simbólico: é um gesto público de reconhecimento, mas também um ato político que pode operar como forma de reparação. Pierre Bourdieu (1989), ao refletir sobre o poder simbólico, nos lembra que rituais como esse produzem legitimidade social e institucional para trajetórias que, muitas vezes, foram ignoradas ou subestimadas ao longo do tempo.

No caso de Leci Brandão, é difícil não reconhecer a profundidade e a abrangência de sua contribuição. Sua atuação como parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo, aliada ao trabalho consistente na promoção da cultura afro-brasileira, demonstra um compromisso que não é pontual, mas estrutural. Leci consolidou-se como uma ponte entre o universo popular e as instituições políticas, sempre articulando a luta por igualdade com a valorização das expressões culturais negras. Como escreveu Walter Benjamin (1940), é preciso “escovar a história a contrapelo” – e reconhecer Leci Brandão é, justamente, evidenciar uma voz que a história oficial tentou silenciar.

Conferir o título de Doutora Honoris Causa a Leci Brandão é, portanto, gesto que transcende a mera homenagem formal. Ilumina outras possibilidades de reconhecimento da centralidade de trajetórias como a sua, de intérprete de seu tempo e agente comprometida com os valores da justiça social, da pluralidade e da defesa dos direitos humanos. Ademais, ansiamos que este ato solene reafirme o compromisso da Universidade Federal de São Carlos com todos aqueles e aquelas que, mesmo diante das adversidades, seguem ensinando e aprendendo — como verdadeiros “anjos da guarda” do povo brasileiro, como já cantou Leci.

Considerando que este documento apresenta as justificativas necessárias para requerer o título honorífico à Leci Brandão que se quer conceder a dignidade acadêmica;

Nos termos do Regimento Geral da UFSCar, no “TÍTULO IV - DOS TÍTULOS HONORÍFICOS”, Arts. 73 a 78, os membros do Conselho do Departamento de Ciências Sociais, do Programa de Pós-graduação em Ciências Políticas e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSCar, abaixo assinados, propõe ao ConsUni-UFSCar que a conceda à destacada e renomada intelectual ativista, cantora, compositora e Deputada Estadual (PCdoB/SP), Leci Brandão o honorífico Título de Doutora Honoris Causa

## REFERÊNCIAS:

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 458, 1995. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CELESTINO, Uílder do Espírito Santo. O samba a contrapelo em os “Anjos da Guarda”, uma canção afirmativa e a crítica da história por Hannah Arendt. *O Manguezal – Revista de Filosofia*, São Cristóvão/SE, v. 1, n. 18, jan.–jun. 2024. ISSN: 2674-7278. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/manguezal/article/view/19387>. Acesso em: 30 mar. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. *Do Black Power ao Hip-Hop: racismo, nacionalismo e feminismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2023.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. “Pelo telefone mandaram avisar que se questione essa tal história onde mulher não tá”: a atuação de mulheres musicistas na constituição do samba da Pequena África do Rio de Janeiro no início do século XX. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 28, p. 176-191, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-75992013000200014>. Acesso em: 28 dez. 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Festas populares no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista ciências sociais hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HIGGINBOTHAM, Evelyn B. *Righteous discontent: the women’s movement in the Black Baptist Church, 1880-1920*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

KUSCHICK, Mateus Berger. *Kotas, mamás, mais velhos, pais grandes do semba: a música angolana nas ondas sonoras do atlântico negro*. 2016. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1629185>. Acesso em: 26 mar. 2022.

LOPES, Nei. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido-alto, calango, chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MUNANGA, K. Arte afro-brasileira: o que é afinal?. *Paralaxe, [S. l.]*, v. 6, n. 1, p. 5–23, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/paralaxe/article/view/46601>. Acesso em: 22 abr. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. Aquarela do Brasil. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). *Lendo música: 10 ensaios sobre 10 canções*. São Paulo: Publifolha, 2007.

NEEDELL, Jeffrey. D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Acauam. O evangelho marginal dos Racionais. In: MC's. Racionais MC's. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. A Produção intelectual de mulheres negras como teoria social crítica. *Sociedade e Estado, [S. l.]*, v. 36, n. 03, p. 1115–1121, 2021. DOI: 10.1590/s0102-6992-202136030012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/35372>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SANDRONI, Carlos Samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 373-388, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000200023>. Acesso em: 04 abr. 2025.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. 2.ed. ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SANTANNA, Marilda (org.). *As bambas do samba: mulher e poder na roda*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Sagrados e Profanos: religiosidades afro-brasileiras e seus desdobramentos na cultura nacional. *Museu-AfroBrasil: um conceito em perspectiva - Catálogo do Museu Afro Brasil*. São Paulo: IFF/SEPPIR, p. 149-157, 2006.

SOUSA, Fernanda Kalianny Martins. “Nesse meu Brasil todo mundo bate tambor”: análise do show de 40 anos da carreira artístico-política de Leci Brandão. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 3, n. 5, p. 18–52, 2017. DOI: 10.21680/2446-5674.2016v3n5ID14917. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14917>. Acesso em: 30 mar. 2025.

WERNECK, Jurema. *O samba segundo as lalodês: mulheres negras e cultura midiática*. São Paulo: Hucitec Editora, 2020.



## **Comissão Proponente**

Dr. Róbson Pereira da Silva (PPGAS/DCSo/UFSCar)

**Presidente da Comissão**

Profa. Dra. Gleidylucy Oliveira da Silva (PPGPol/DCSo/UFSCar)

**Vice-Presidente da Comissão**

Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro (DCSo/UFSCar)

**Membro da Comissão**

Profa. Ana Flávia Magalhães Pinto (UnB)

**Membro da Comissão**

Profa. Dra. Thaís Leão Vieira (UFMT)

**Membro da Comissão**

Prof. Dr. Adelcio Camilo Machado (DAC/UFSCar)

**Membro da Comissão**



Profa. Dra. Maria Cristina dos Santos Bezerra (DEd/UFSCar)

**Membro da Comissão**

Wilson Alves Bezerra (DL/UFSCar)

**Membro da Comissão**



# ANEXOS

## LISTA DE COMPOSIÇÕES DE LECI BRANDÃO POR DATA DE LANÇAMENTO

<b>Canção composta por Leci Brandão</b>	<b>Ano de Gravação/Lançamento</b>
<u>Antes Que Eu Volte A Ser Nada (Leci Brandão )</u>	1975
Pranto Colorido (Jorginho Pessanha / Leci Brandão )	1975
Cadê Marilza ( Leci Brandão )	1975
<u>Pensando Em Donga (Leci Brandão)</u>	1975
Ele, O Compositor do Samba (Leci Brandão)	1975
G R E de Samba ( Leci Brandão)	1975
Pudim de Queijo (Leci Brandão)	1975
Ser Mulher (Amélia de Verdade) (Leci Brandão)	1976
<u>Ritual ( Leci Brandão )</u>	1976
<u>Maria Bela Maria Feia (Leci Brandão)</u>	1976
As Pessoas e Eles (Leci Brandão)	1976
<u>E Tudo Bem (Leci Brandão)</u>	1976
Mãos Libertas (Leci Brandão / André)	1976
Madrugada Paulista (Leci Brandão )	1976
<u>Deixa Pra Lá ( Leci Brandão )</u>	1976
<u>Questão de Gosto ( Leci Brandão )</u>	1976
Ombro Amigo ( Leci Brandão )	1977
<u>Apenas Um Bloco de Sujo ( Leci Brandão )</u>	1977
Marias ( Leci Brandão )	1977
Pro Poeta Meu Amigo ( Leci Brandão )	1977
O Chorinho e o Passarinho ( Sergio Andrade / Leci Brandão )	1977
Coisas do Meu Pessoal ( Leci Brandão )	1977
<u>Vamos ao Teatro ( Leci Brandão )</u>	1977
Status ( Leci Brandão )	1977
Natureza ( Rosinha de Valença / Leci Brandão )	1978
Ferro Frio ( Leci Brandão )	1978
Mesa Para Um Só ( Leci Brandão / Paulo Moura / Zezinho Moura )	1978
Essa Tal Criatura ( Leci Brandão )	1980
Lugar Garantido ( Leci Brandão )	1980
Prece a Seu João ( Leci Brandão / João Nepomuceno )	1980

Dobrando as Cobertas ( Leci Brandão / Ivor Lancellotti )	1980
Fim de Festa ( Leci Brandão / Rosinha de Valença )	1980
Sem Vingança ( Leci Brandão )	1980
Nas Águas do Rio Negro ( Leci Brandão )	1980
Chantagem ( Leci Brandão )	1980
Não Cala O Cantor ( Leci Brandão )	1980
Isso É Fundo de Quintal ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1985
Zé do Caroço ( Leci Brandão )	1985
Belém Meu Bem ( Leci Brandão )	1985
<u>Deixa Deixa ( Leci Brandão )</u>	1985
Assumindo ( Leci Brandão )	1985
Saudação ao Rei das Ervas ( Tradicional / Adapt. Leci Brandão )	1985
Vai Ter Que Me Aturar ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1987
<u>Só Quero Te Namorar ( Leci Brandão )</u>	1987
Talento de Verdade ( Leci Brandão / Alceu Maia )	1987
Lá e Cá ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1987
Nova Manhã ( Leci Brandão )	1987
Me Perdoa Poeta ( Leci Brandão / Reinaldo )	1987
Café Com Pão ( Leci Brandão )	1988
Altos e Baixos ( Leci Brandão )	1988
<u>Um Beijo No Seu Coração ( Leci Brandão )</u>	1988
Refazendo a Cabeça ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1988
Guerrilheiro Urbano ( Leci Brandão / Paulinho Cavalcanti )	1988
Ano Seguinte ( Leci Brandão )	1988
As Famílias ( Leci Brandão )	1989
Jeito de Apaixonado ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1989
<u>Pimentões Recheados ( Leci Brandão )</u>	1989
Saudação a Oxum ( Tradicional / Adapt. Leci Brandão )	1989
Batida do Coração ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1990
Ousadia do Olhar ( Leci Brandão )	1990
Amor de Cangaço ( Mirabeau / Leci Brandão / Vital Santos )	1990
Apelido Tiziu ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1990
Saudação A Oxóssi ( Tradicional / Adapt. Leci Brandão )	1990
Bate Tambor ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1992
<u>Comprometida ( Leci Brandão )</u>	1992

Me Anarquiza Mas Não Me Esquece ( Leci Brandão )	1992
O Dono e o Povo ( Leci Brandão )	1992
Olá Criançada ( Leci Brandão )	1992
Outro Sabor ( Leci Brandão / Alceu Maia )	1992
Saudação a Xangô ( Tradicional / Adapt. Leci Brandão )	1992
Zé Brasileiro ( Leci Brandão / Zé Maurício / Nei Martins )	1993
Quando a Gente Não Faz Esse Amor ( Leci Brandão )	1993
Mal Resolvida ( Leci Brandão )	1993
Deixa Viver ( Leci Brandão / Dionísio Santos )	1993
Dona de Casa ( Leci Brandão )	1993
Atitude ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1993
Cara Pintada ( Leci Brandão )	1993
Saudação à Obaluaê ( Tradicional / Adapt. Leci Brandão )	1993
Rio, Sangue Bom ( Leci Brandão / Zé Maurício / Marcelo Barão )	1995
Deixa de Fazer Confusão ( Leci Brandão )	1995
Negro Zumbi ( Leci Brandão / Valdilene / Afro Mandela )	1995
Anjos da Guarda ( Leci Brandão )	1995
Toda Hora... Demorou ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1995
É a Lei É a Lei ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1995
Amor são 300 Anos ( Leci Brandão / Dionísio Santos )	1995
Inútil Espera ( Leci Brandão / Armando Campos )	1995
Saudação a Nanã ( Tradicional / Adapt. Leci Brandão )	1995
A Terceira Idade ( Leci Brandão / Alceu Maia )	1996
Cuidado Com Esse Castigo ( Leci Brandão )	1996
Diolinda, Bem-vinda ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1996
Amigo Calmante ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1996
Somos Da Mesma Tribo ( Leci Brandão / Dionísio Santos )	1996
Saudação À Iemanjá ( Tradicional / Adapt. Leci Brandão )	1996
Se Deus Deu Tudo ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1999
Auto-estima ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1999
Pro Mano Brown ( Leci Brandão / Zé Maurício )	1999
Cabo Verde ( Leci Brandão )	1999
Saudação A Oxumaré (Adaptação) ( Leci Brandão )	1999
Saudação A Ossain ( Tradicional / Adapt. Leci Brandão )	2000
Cd Do Aragão ( Leci Brandão / Emerson de Paula )	2002
A Filha Da Dona Lecy (Leci Brandão)	2002



Brasil De Bola E De Samba (Leci Brandão / Paulinho Sampagode / Paulo Henrique / Beto Cardoso )	2002
Ousadia do Olhar ( Leci Brandão )	2003
Difícil Acreditar ( Leci Brandão / Zé Maurício )	2003
O Bagulho do Amante ( Leci Brandão / PH do Cavaco )	2008
Ensopadinho (Leci Brandão)	2011
Dança Doce (Leci Brandão)	2011
Troca (Leci Brandão / João Nepomuceno)	2011
Vinte e Duas Horas ( Leci Brandão )	2011
Ponto de Cultura (Leci Brandão / Marcos Boldrini)	2013
Saudações (Leci Brandão / Paulo Henrique)	2013
Nasci Pra Te Amar (Leci Brandão / Xande de Pilares / Gilson Berlini )	2017
Com as graças de Deus (Leci Brandão / Pedrinho Sem Braço)	2017
Deixa Viver (Leci Brandão / Dionísio Santos)	2017
	Total: 114

**DISCOGRAFIA LECI BRANDÃO**

<b>Ano de Gravação</b>	<b>Álbum</b>	<b>Gravadora</b>	<b>Formato original</b>
1975	ANTES QUE EU VOLTE A SER NADA	Discos Marcus Pereira	LP
1976	QUESTÃO DE GOSTO	Polydor	LP
1977	COISAS DO MEU PESSOAL	Polydor	LP
1978	METADES	Polydor	LP
1980	ESSA TAL CRIATURA	Polydor	LP
1985	LECI BRANDÃO	Copacabana	LP
1987	DIGNIDADE	Copacabana	LP
1988	UM BEIJO NO SEU CORAÇÃO	Copacabana	LP
1989	AS COISAS QUE MAMÃE ME ENSINOU	Copacabana	LP
1990	CIDADÃ BRASILEIRA - LECI BRANDÃO DA SILVA	Copacabana	LP
1992	<u>COMPROMETIDA</u>	Copacabana	LP
1993	ATITUDE	RGE	LP
1995	ANJOS DA GUARDA	RGE	CD
1996	SOMOS DA MESMA TRIBO	Movieplay	CD
1999	<u>AUTO-ESTIMA</u>	Trama	CD
2000	EU SOU ASSIM - AO VIVO	Trama	CD
2001	LECI BRANDÃO E CONVIDADOS	Trama	CD
2002	A FILHA DA DONA LECY - AO VIVO	Indie Records	CD
2003	A CARA DO POVO	Indie Records	CD
2006	CANÇÕES AFIRMATIVAS - AO VIVO	Indie Records	CD
2006	CANÇÕES AFIRMATIVAS - AO VIVO	Indie Records	DVD
2008	EU E O SAMBA	LGK Music	CD
2013	CIDADÃ DA DIVERSIDADE - AO VIVO	MD Music	CD
2013	CIDADÃ DA DIVERSIDADE - AO VIVO	MD Music	DVD
2017	SIMPLES ASSIM	Independente	CD
2006	PROGRAMA MPB ESPECIAL 1974 - CARTOLA	Trama	DVD
			Total: 27



## **PRÊMIOS**

### **I Festival da Gama Filho**

1970 - 2º lugar com a música “Cadê Marisa”.

### **Encontro Nacional de Compositores de Samba”**

1973 - Com a canção “Quero sim”, em parceria com Darcy da Mangueira.

### **Prêmio Sharp /PMB - Prêmio da Música Brasileira**

1991 – PMB4. Categoria Samba – Melhor Canção por “Maravilha” (intérprete)

1996 – PMB9. Categoria Samba – Melhor cantora.

2009 – PMB20. Categoria Samba – Melhor cantora.

2018 – PMB29. Categoria Samba – Melhor cantora.

## BIBLIOGRAFIA E FORTUNA CRÍTICA

ALBIN, Ricardo Cravo. Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira – Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006.

ALBIN, Ricardo Cravo. MPB – A História de Um Século. 2ª ed. Revista e ampliada, Rio de Janeiro: MEC/Funarte/Instituto Cultural Cravo Albin, 2012.

ALBIN, Ricardo Cravo. MPB – A História de Um Século. 2ª ed. Revista e ampliada, Rio de Janeiro: MEC/Funarte/Instituto Cultural Cravo Albin, 2012.

ALBIN, Ricardo Cravo. MPB – Mulher (FOTOS: Mario L. Thompson). Rio de Janeiro: Edição ICCA – Instituto Cultural Cravo Albin, SESC-Rio de Janeiro e ELPASO, 2006.

ALBIN, Ricardo Cravo. MPB, a história de um século. Rio de Janeiro: Atração Produção Ilimitada/MEC/Funarte, 1997.

ALBIN, Ricardo Cravo. O livro de ouro da MPB. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AMARAL, Euclides. Alguns Aspectos da MPB. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2008; 2ª ed. Esteio Editora, 2009. 3ª ed. EAS Editora, 2014.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, p. 44-58, 2018.

BISPO, Vilma Neres; DE JESUS SANTOS, Elisângela. Leci e Januário: escrituras negras contemporâneas na música e fotografia. Ideias, v. 8, n. 2, p. 83-112, 2017.

BRITO, Lucianna Sousa Furtado. Cantando e escutando amores: as obras intelectuais de Dona Ivone Lara e de Leci Brandão sobre relações afetivo-sexuais. Dissertação. Belo Horizonte: UFMG, 2023.

BRUNO, Leonardo. Canto de rainhas: o poder das mulheres que escreveram a história do samba. Agir, 2021.

Entre o samba e o pensamento feminista negro: práticas de autodefinição em canções sobre o amor. Revista Música, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 29–62, 2024. DOI: 10.11606/rm.v24i1.225767. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/225767>. Acesso em: 22 abr. 2025.

FONSECA, Christian Gonçalves Vidal da. O Morro Não Tem Vez? Ressonâncias de Uma Política Republicana Excludente nas Obras de Leci Brandão e Bezerra da Silva. Revista Historiador, n. 10, 2018.

FURTADO, Lucianna. "Se é amor tem que ter bem-querer": Conselhos afetivos nas canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão sobre o amor. *Ação Midiática–Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.*, v. 26, n. 1, 2023.

FURTADO, Lucianna. Entre o samba e o pensamento feminista negro o amor: práticas de autodefinição em canções sobre. *Revista Música*, v. 24, n. 1, p. 29-62, 2024.

MARCONDES, Marcos Antônio. (Ed.). *Enciclopédia da música Brasileira – erudita, folclórica e popular*. 3. ed. São Paulo: Arte Editora/Itaú Cultural/Publifolha, 1998.

MARCONDES, Marcos Antônio. (Ed.). *Enciclopédia da música brasileira – erudita, folclórica e popular*. 1 v. São Paulo: Arte Editora/Itaú Cultural, 1977.

MORAES, Marcelo José Derzi; KRAUS, Lalita; NEGRIS, Adriano. O samba como possibilidade descolonizadora da filosofia. In: *Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul*. 2018.

MOREIRA, Allan Barbosa. Está nascendo um novo líder: uberização do trabalho e mobilidade urbana no Brasil. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 8, n. 22, p. 127-140, 2021.

PARELES, Jon. Review/Pop; Songs of Love and Politics From Brazil and Beyond. *The New York Times*, p. NA-NA, 1993.

PASCHOAL, Marcio. *Pisa na fulô mas não maltrata o carcará. Vida e obra do compositor João do Vale, o poeta do povo*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 2000.

PIRES, Nágila Macedo; DE LIMA, Renato Cândido. A ascensão do pagode romântico de 1990 e as implicações nas relações de afeto da negritude. *PAULUS: COMFILOTEC*, v. 13, n. 7, 2021.

QUEIROZ, Janaína Souza de et al. *Ubuntuísmo e quilombismo na música de Leci Brandão*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2017.

QUEIROZ, Janaína Souza de; LUZ, Nanci Stancki da. *Ubuntu e Quilombismo na práxis de Leci Brandão*. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 13, n. 42, p. 77-91, 2020.

SÁVIO, Nilton José Sales. "Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba", de Wallace Lopes Silva (Org.). *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, v. 10, p. 261-264, 2019.

SILVA, AGUINALDO et al. *Lampião da Esquina*. Programa de Tv dirigido por Ricardo Carvalho. [Instituto Vladimir Herzog, Rio de Janeiro], v. 1, 2011.

SILVA, Ariana. *COISAS DO MEU PESSOAL (1977): uma análise da capa e contracapa do disco da Leci Brandão*. *Revista Historiar*, v. 14, n. 27, p. 231-246, 2022.



SOUSA, Fernanda Kalianny Martins. “Nesse meu Brasil todo mundo bate tambor”: análise do show de 40 anos da carreira artístico-política de Leci Brandão. *Equatorial–Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 3, n. 5, p. 18-52, 2016.

SOUSA, Fernanda Kalianny Martins. 'A filha da Dona Lecy': estudo da trajetória de Leci Brandão. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2017.tde-19012017-112637. Acesso em: 2025-04-22.

WERNECK, Jurema. *O Samba segundo as lalodês: mulheres negras e cultura midiática*. São Paulo: Hicitec, 2020.